



EM DEFESA DA BÍBLIA

De todos os livros do mundo a Bíblia é certamente o livro mais singular, é o único livro que ousa colocar toda sua credibilidade em xeque-mate quando é capaz de dizer com antecedência às coisas que irão acontecer. Nenhum livro, religioso ou não, ousa a fazer predições do futuro para em seguida basear toda a sua veracidade no acontecimento de tais predições.

Profeta Elias contra os profetas de Baal

1ª Reis 18: 22-40

Quando avaliamos as argumentações para uma defesa da veracidade histórica da Bíblia, devemos fazê-la com uma visão jurídica. Certamente outras mentes já o fizeram. Assim vejamos: De todos os livros do mundo a Bíblia é certamente o livro mais singular, é o único livro que ousa colocar toda sua credibilidade em xeque-mate quando é capaz de dizer com antecedência às coisas que irão acontecer. Nenhum livro, religioso ou não, ousa a fazer previsões do futuro para em seguida basear toda a sua veracidade no seu acontecimento. Além disso, não faz apenas algumas previsões, mas centenas delas, das quais muitas já se cumpriram no seu tempo determinado, com precisão de 100%. Os 66 livros que formam a Bíblia foram escritos por 40 homens sendo os 39 do Velho Testamento entre 1.445 a 450 A.C e os 27 do Novo Testamento nos anos de 45 a 90 D.C totalizando um período de aproximadamente 1.600 anos e em épocas diferentes e conservando entre si unidade de pensamento, onde na grande maioria os quarentas escritores não se conheciam, não possuíam o mesmo nível social, cultural e econômico. Nenhum deles escreveu um só versículo que venha contradizer a obra dos demais. Além de ter sido uma obra inspirada por Deus. Podemos observar que os livros contidos na Bíblia formam um sistema integrado de mensagens de forma harmônica, ou seja, tudo que nela está escrito tem o seu objetivo e cada detalhe do texto foi feito através de uma cuidadosa construção sistemática que transcende o próprio tempo, permanecendo sempre aplicáveis os ensinamentos de Deus para com o homem em qualquer época de sua existência.

A maior biblioteca do mundo foi construída em Alexandria, uma cidade no mediterrâneo, fundada por Alexandre, o Grande, durante sua conquista do Egito. Tendo início no século 3 a.C., o objetivo desta biblioteca era de possuir uma cópia de todos os textos literários conhecidos do mundo. Estima-se que mais de quinhentos mil manuscritos fossem guardados na biblioteca. Muitos textos eram escritos em papiro, uma planta nativa do Egito. Outros foram escritos em couro, madeira e até cerâmica. O uso de rolos marcou um novo avanço no desenvolvimento da comunicação escrita. Comparados às tabuletas de argila, rolos eram mais baratos, mais duráveis, mais leves e fáceis de transportar. É bem provável que as primeiras palavras da Bíblia a serem gravadas, foram escritas sobre papiro. Mas, o que separa a Bíblia de outros livros? As palavras da Bíblia tinham origem na mente dos que as escreviam, como Moisés ou Daniel? Deus estava diretamente envolvido na escolha das palavras, ou apenas nos pensamentos? O processo usado por Deus para comunicar Sua mensagem ao homem através da palavra escrita é chamado de Inspiração. Como podemos saber que Deus se comunica com o homem. Deus se comunica com o homem através da Revelação que é um ato especial de Deus, nela Ele revela ao homem certas verdades, as quais o homem não poderia saber de outra forma. O homem com sua mente finita jamais poderia saber e conter o conhecimento absoluto, a verdade absoluta. Só uma mente infinita pode conter esse conhecimento, a mente de Deus. Então o único aspecto da verdade absoluta que podemos saber é o que Deus decide nos revelar. Assim podemos observar que Revelação é Deus se fazendo conhecer pelo homem. E isso é muito importante, porque se Deus não tivesse tomado a iniciativa de se revelar, o homem por si só jamais teria conhecido a Deus. Mas, Deus ao revelar-se ao homem mostrou-se ser um Deus gracioso.

- ✓ Em primeiro lugar a Revelação é um ato gracioso de Deus em se comunicar e se fazer conhecer pelo homem pecador.

- ✓ Em segundo lugar é também um desejo da parte de Deus buscar companheirismo no homem o que é algo maravilhoso porque o homem foi criado à Sua imagem e semelhança.
- ✓ E em terceiro lugar é realmente um processo de comunicação, porque Deus transmite informações que o homem precisa saber.

O primeiro registro que temos na Bíblia de que Deus se comunicou com o homem está em Gêneses 1: 28, onde Deus diz a Adão e Eva para cuidarem do jardim e povoarem a Terra. Essa é a primeira comunicação verbal registrada. Mas, pode-se dizer facilmente que Deus se revelou antes disso, quando Ele literalmente soprou vida em Adão e este se tornou ser vivente, quando Adão se tornou consciente de seu ambiente e da presença de Deus, Deus já havia comunicado a Adão que Ele é um Deus criador. Um Deus de vida, um Deus de poder, um Deus onipotente. Muito já havia sido comunicado através do ato da criação. Através da história Deus se revelou ao homem de diferentes maneiras, o que os estudiosos chamam de *Revelação Geral* e *Revelação Especial*. No princípio Deus criou os céus e a terra. Ele disse: haja luz e houve luz. E não importa para onde se olhe para o universo da criação, existe a marca de Deus como existe em obra de arte em que se pode identificar o artista. Você pode dizer esse é o trabalho do artista X, como também podemos dizer isso é obra da criação de Deus. Assim podemos conhecer a Deus pelas coisas que ele criou. Mais isso é muito geral e não há nada de específico nisso ou pessoal. Quando Deus criou o homem ele começou a conversar com ele e se fez conhecer de uma maneira pessoal. Essa é a chamada Revelação Especial, porque vai além da ideia geral de conhecer a Deus pela criação. E essa Revelação Especial acontece de duas maneiras: a primeira sendo a comunicação verbal de Deus que mais a frente se tornou escrita. Portanto, a Bíblia é a comunicação escrita de Deus. É a Auto-Revelação de Deus. E isso é a Revelação Especial. É verdade que quando Deus começou a se comunicar com o homem Ele geralmente fazia de forma individual, mas quando chegamos ao livro de Josué vemos claramente uma mudança de como Deus opera. Depois da morte de Moisés, Josué torna-se o líder da Nação Judaica e Deus lhe disse para consultar a lei de Deus, ou seja, os livros de Moisés. Deus estava ordenando que ele iria guiar seu povo principalmente através de um livro, e não apenas falando com ele. Nós temos esse livro nas escrituras hoje, então temos a direção de Deus, os mandamentos de Deus, a orientação de Deus através de um livro. Mais havia outra questão sobre isso: o próprio Deus veio e nos visitou. Isso aconteceu com a vinda de Jesus Cristo ao mundo, mas essa vinda foi antecipada pelas profecias, pelas promessas de Deus. Isso aconteceu na Babilônia, quando Deus falou com Eva no jardim do Éden, que estudiosos dizem que foi na baixa Mesopotâmia, na região, hoje conhecida como Golfo Pérsico. E Deus disse a Eva: sua semente ferirá a cabeça da serpente. Portanto houve uma antecipação de que Deus teria uma presença física no mundo. Ele viria nos visitar e nós conheceríamos a Deus. Não de uma maneira distante, verbal, mas pessoalmente. O processo usado por Deus para transmitir Sua mensagem escrita ao homem chama-se Inspiração. Na verdade veio da palavra grega “theopneutos” que literalmente significa “Soprado por Deus”. Mais o que é interessante dessa palavra é que tem a conotação não apenas de respiração, mas de inspiração. E não é apenas Deus inspirando em si mesmo, mas Deus respirando dentro do homem a que a verdade esta sendo revelada. É literalmente, Deus falando através do Espírito Santo, por intermédio de um homem, para os homens. É um ato de Deus muito miraculoso e misterioso, mas é absolutamente essencial, porque sem inspiração a Bíblia não teria a autoridade divina sobre a vida dos homens para ser a base do que eles acreditam e como vivem. A Bíblia

afirma ter sido inspirada. Em II Timóteo, 3: 16 – **“Toda escritura é inspirada por Deus...”**. Então de que a Bíblia é inspirada? E como Ele fez isso? Não temos muita informação mais há uma janela muito interessante e está em II Pedro 1: 21 – **“A profecia não veio da vontade do homem, mas de homens santos de Deus falavam enquanto eram impelidos pelo Espírito Santo”**. Quando falavam alguma mensagem de Deus eram impelidos pelo Espírito Santo. É essa palavra, **“impelidos”** é que nos dá a janela. Ela significa levar adiante. Os escritores usavam seu próprio vocabulário, usavam seu próprio estilo verbal. É possível conhecer pela linguagem original, os escritos de Paulo, distinguia-se dos escritos de Pedro por exemplo. Isto prova que Deus não estava ditando, senão seriam todos iguais. Deus permitia que eles usassem seu estilo pessoal, mas Deus os influenciou para eles escreverem, o que Ele queria que eles escrevessem. Deus soprou sobre eles de forma que era a Sua expressão, fluindo pela pena da caneta dos escritores de acordo com seu estilo. Deus usou diferentes autores e diferentes estilos para comunicar Sua palavra. Nós acreditamos no que chamamos de Visão Verbal Plena de Inspiração. A palavra plena significa simplesmente totalidade. Nós acreditamos que todas as Escrituras foram Inspiradas por Deus. Isso é importante porque há pessoas hoje em dia que acreditam que a Bíblia é a palavra de Deus só quando ela fala com eles. Em outras palavras nós temos escritos humanos, mas não são necessariamente a palavra de Deus, só o é quando a palavra de Deus fala comigo. Mas, se atinarmos para o que chamamos de Visão Plena da Inspiração, saberemos que toda a escritura é inspirada. Nós também incluímos nessa visão de inspiração o que chamamos de Inspiração Verbal. Isso significa que as próprias palavras são inspiradas. Por exemplo: no livro de Gálatas no capítulo 3 Paulo baseia seu argumento sobre salvação no uso de uma única palavra (fé). Nós acreditamos no que chamamos de Visão Verbal Plena de Inspiração a totalidade da Bíblia em cada palavra. Há duas razões pelas quais podemos acreditar que a Bíblia é verdadeiramente a palavra de Deus.

- ✓ A primeira é porque ela testemunha sobre si mesma, no livro de Mateus capítulo 5:17, o Senhor falando com os fariseus disse: **“Não pensem que eu vim abolir a lei ou os profetas...”**. Então a primeira razão para acreditarmos nas escrituras é porque elas testificam sobre si mesmas.

- ✓ A segunda razão é o que chamamos de Testemunho Interno. Esse é o trabalho do Espírito Santo. Ele me convence de que as escrituras falam de si mesma é verdade, não adicionando conteúdo as escrituras. Nem mesmo nos ajuda a interpretar as escrituras. Ele apenas nos convence de que estas palavras são realmente as palavras de Deus. E para ilustrar isso temos como exemplo o Apóstolo Paulo quando ele escreveu sua primeira carta aos Tessalonicenses. (1: 5) Ele disse **“porque o nosso evangelho não chegou a vocês somente em palavras mais também em poder no Espírito Santo e em plena convicção”**. Este é o trabalho interno do Espírito Santo que estava trabalhando com as palavras de Paulo para convencer os tessalonicenses de que o que ele falava era realmente a palavra de Deus o Evangelho.

Deus é tão complacente. Até mesmo em nossa descrença Ele nos dá evidências para fortalecer a nossa fé. E muitas pessoas leem a Bíblia e às vezes têm certas dúvidas em relação a ela. Mas, eu sugiro que vocês leiam diferentes trechos da Bíblia, por exemplo, profecias. Como já foi dito, eu não conheço nenhum outro escrito sagrado de alguma grande religião que tenha profecias, muito menos profecias cumpridas, somente a

Bíblia. E não apenas profecias, mas, profecias cumpridas. Especialmente em relação à primeira vinda do Senhor Jesus Cristo. Há mais de trezentas profecias no Antigo Testamento que foram cumpridas sobre a vinda de Cristo. Então profecias cumpridas é uma grande evidência de que a Bíblia é verdadeira. Então olhamos em outras áreas, por exemplo, a Bíblia foi escrita num período de mil e seiscentos anos. Há pelo menos quarenta autores diferentes. Eles tiveram diferentes tipos de educação, diferentes tipos de profissões, não havia como se comunicarem uns com os outros ao longo desse período e, ainda assim, de Gênesis ao Apocalipse, há uma única linha de pensamento que é o plano de Deus para a redenção humana. Outro aspecto que nos dá confiança na Palavra de Deus são as evidências científicas, como a arqueologia. Durante anos os cépticos disseram que a Bíblia estava errada quando falava sobre o império hitita. Durante séculos não houve evidências do Império hitita, mas, a ciência da arqueologia encontrou, há algumas décadas, prova absoluta de que não havia apenas um império hitita, como também, era quase uma potência mundial. Outro artefato em particular conhecido como “Prisma de Senaqueribe”, o rei da Síria, recebeu esse nome porque foi feita pelo rei Senaqueribe após a sua campanha contra o Rei de Judá. Tudo isso aconteceu por volta de 702, 701 antes de Cristo. Nesta peça arqueológica consta que o rei Senaqueribe conquistou as cidades muradas de Judá, o que é verdade; e consta também que ele aprisionou o rei Ezequias, no entanto não nos conta o resto da história, precisamos buscar nas escrituras para saber. Lá no livro de II Reis, II Crônicas e até no livro de Isaías, nos descobrimos que o anjo do Senhor entrou no acampamento dos assírios e matou 185 mil deles. Portanto, essa peça histórica evidencia que a Bíblia é precisa e podemos confiar nela. Vidas de pessoas foram mudadas drasticamente por causa da Palavra de Deus. Mas, Deus nos dá essas evidências para que saibamos que pisamos em solo firme quando colocamos nossa confiança, nossa fé, nossa esperança na palavra inspirada de Deus. Hoje a Bíblia está acessível a qualquer pessoa, no entanto poucas pessoas sabem de onde ela veio ou sua real importância. Como a Bíblia passou de geração em geração. Como podemos saber se ela ainda é verdadeira? E se for verdadeira o que isso significa para mim e para você? Quase todos, se não todos os manuscritos originais feitos pelos escritores da Bíblia eram em forma de pergaminho. No século 2 d.C., os escribas cristãos desenvolveram um novo e inovador formato de publicação, conhecido como “códice”, ou livro. Na cidade de Constantinopla alguns dos primeiros livros, ou códices, foram produzidos. Os escribas que copiavam as escrituras à mão agora começavam a escrever em páginas individuais. Essas páginas, ou folhas, eram presas em pequenos grupos chamados uniões ou assinaturas. As uniões eram então costuradas juntas de um lado, numa lombada. Pela primeira vez a Bíblia inteira pode ser contida em alguns volumes portáteis. A produção destes livros permitiu a rápida expansão da fé cristã no mundo mediterrâneo. Este período também viu a tradução das escrituras para outros idiomas, como latim, armênio, slovonico, siríaco e copta. Ao comparar esses manuscritos, estudiosos encontram notável concordância entre as traduções. Embora estejam em línguas diferentes, são testemunhas incríveis da maneira como Deus preservou a precisão da sua palavra. E quanto aos livros que compõem a própria Bíblia. Afinal de contas a Bíblia é uma coleção de 66 trabalhos, escritos ao longo de muitos séculos. Os quarenta autores da Bíblia não são os únicos escritores de material cristão. Como podemos ter certeza que os 66 livros da Bíblia são os livros que Deus planejou incluir? Ha escrituras perdidas que ainda serão descobertas? Há livros em nossa Bíblia que deveriam ser excluídos? Essas perguntas levantam a questão de canonicidade. Como sabemos se a Bíblia que temos hoje representa o cânon completo

das escrituras inspiradas? A Bíblia é a palavra de Deus, portanto tudo ali deve ser de Sua autoria, deve vir de Deus para que possa ser a Palavra de Deus. Assim deve haver um controle de quais livros pertencem e quais livros não pertencem. Logo algumas decisões foram tomadas, algumas regras foram impostas em relação ao que era realmente a Palavra de Deus e o que era simplesmente boa literatura, mas não especificamente a palavra de Deus. A palavra “cânon” significa, simplesmente, um padrão, ou uma regra, um meio de medir a autenticidade de alguma coisa. Os primeiros sacerdotes das igrejas criaram um conjunto de regras, através das quais iriam descobrir quais escritos eram escrituras inspiradas e quais não eram. Porque isto é importante? Por duas razões: Em primeiro lugar, não queremos livros ou escritos neste cânon se preferir, nesta lista, nesta coleção que não sejam autorizados, que não sejam inspirados que não pertençam ali, que possam conter erros. Então, tendo uma lista de padrões pelos quais medir, elimina-se qualquer coisa que possa não pertencer ali. Mas, a segunda razão também é importante, e esta é se assegurar que têm tudo que realmente pertence ali. A Bíblia moderna, o Antigo testamento é composto por trinta e nove livros. Quando Deus começou a dar Sua revelação a Moisés, Ele não apenas o instruiu a escrever o que iria dizer, mas também fez de Moisés o responsável por esses manuscritos originais inspirados. Em Deuteronômio 31, lemos que Deus disse a Moisés: “Pegue os livros que escreveste e guarde-os no tabernáculo”. Mais especificamente na Arca da Aliança. Era o lugar mais segura em toda a nação de Israel, e era ali que Deus queria os manuscritos. Assim, à medida que eram escritos, eles passaram a ser guardados, e era Deus quem fazia as escolhas. Deus dizia: “Moisés, escreva isso, Moisés, coloque ali”, desta forma Deus estava direcionando o processo de coleta. Então quando chegamos aos escritos adicionais, Josué, por exemplo, e seus registros de conquistas, ao final do livro de Josué, depois que Deus o instruiu a escrever, Ele disse: “Pegue o seu livro e coloque-o junto com os livros de Moisés, coloque-o no tabernáculo”, o lugar seguro. O próximo profeta, depois de Josué, foi Samuel. Nós lemos em I Crônicas 29:29, que nas crônicas de Samuel e de Natã e nas de Gades estão as histórias dos reis. Então sabemos que havia três profetas envolvidos no registro da história da monarquia em Israel, e eram Samuel, Gades e Natã. Estes livros foram coletados e mantidos pelos sacerdotes no tabernáculo a princípio, e depois no templo. Em seguida Davi escreveu setenta e três salmos, e outros escreveram alguns salmos que foram coletados. O filho de Davi, seu filho muito sábio, Salomão, começou a escrever e escreveu poesias e também provérbios, nos deu o Eclesiastes e todos esses diferentes livros foram guardados juntamente com os outros. E os profetas, é claro, eles mesmos começaram a escrever. Esses livros eram vistos como vindos de Deus e esses livros eram colocados no mesmo lugar. Malaquias – Malaquias é chamado de selo dos profetas pelas autoridades judaicas. E com isso queriam dizer que ele é o último deles. Ele é o último profeta a falar, por isso seus escritos foram os últimos a serem incluídos. Portanto no diz despeito à nação judaica, o cânon termina com Malaquias. Por volta de 450 A. C., Esdras havia voltado da Babilônia, e era um velho sacerdote em Israel. Parece que, de acordo com a tradição, sob a liderança de Esdras, os sacerdotes e oficiais da grande sinagoga canonizaram livros adicionais do Antigo testamento. Quando Esdras juntou os livros, ele os classificou em duas categorias. Os livros de Moisés eram tão significativos que foram colocados em uma seção separada. Os cinco livros de Moisés, o Pentateuco, chamado de Torá. Então esta era uma categoria porque era muito significativa como a fundação da literatura de Israel. Então os outros livros foram colocados na categoria dos profetas. Os livros históricos eram chamados de primeiros profetas e os profetas mesmos eram chamados de últimos

profetas. Assim, temos dois grupos: a lei e os profetas. Foi por isso que Jesus em Mateus 5: 17 disse: “Não pensem que vim para abolir a lei e os profetas, não vim abolir, mas cumprir”. Essas eram as duas categorias. Mais tarde, na época da Sepuaginta, aos 200, século dois ou três A.C., eles foram divididos em três categorias, foi adicionada a categoria dos escritos. Os livros poéticos foram colocados nesta categoria: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cânticos de Salomão. Havia então três divisões, mas originalmente havia apenas duas. Mais afinal como surgiu a Septuaginta – Ptolomeu II Filadelfo (287-247 a.C.), rei do Egito, encomendou especialmente para sua Biblioteca em Alexandria, uma tradução grega das escrituras sagradas dos judeus. Esta foi a primeira tradução feita dos livros hebraicos para outra língua. A tradução do hebraico para o grego, segundo a tradição, foi feita por 72 escribas durante 72 dias, por isso possui o nome Septuaginta que significa “Tradução dos Setenta”.

A primeira menção à versão da Septuaginta encontra-se em um escrito chamado “Carta de Aristéias”. Segundo esta carta, Ptolomeu II Filadelfo tinha estabelecido recentemente uma valiosa biblioteca em Alexandria. Ele foi persuadido por Demétrio de Fálaro (responsável pela biblioteca) a enriquecê-la com uma cópia dos livros sagrados dos judeus. Para conquistar as boas graças deste povo, Ptolomeu, por conselho de Aristéias (oficial da guarda real, egípcio de nascimento e pagão por religião) emancipou 100 mil escravos, de diversas regiões de seu reino. Então, enviou representantes entre os quais Aristéias, a Jerusalém e pediu a Eliazar, o Sumo Sacerdote dos judeus, para que fornecesse uma cópia da Lei e judeus capazes de traduzi-la para o grego. A embaixada obteve sucesso: uma cópia da Lei ricamente ornamentada foi enviada para o Egito, acompanhada por 72 peritos no hebraico e no grego (seis de cada Tribo) para atender o desejo do rei. Estes foram recebidos com grande honra e durante sete dias surpreenderam a todos pela sabedoria que possuíam, demonstrada em respostas que deram a 72 questões; então, eles foram levados para a isolada ilha de Faros e ali iniciaram os seus trabalhos, traduzindo a Lei, ajudando uns aos outros e comparando as traduções conforme iam terminando. Ao final de 72 dias, a tarefa estava concluída. A tradução foi lida na presença de sacerdotes judeus, príncipes e povo, reunidos em Alexandria; a tradução foi reconhecida por todos e declarada em perfeita conformidade com o original Os três manuscritos mais conhecidos da Septuaginta são: o Vaticano (Codex Vaticanus), do séc. IV; o Alexandrino (Codex Alexandrinus), do séc. V, atualmente no Museu Britânico de Londres; e o do Monte Sinai (Codex Sinaiticus), do séc. IV, descoberto por Tischendorf no convento de Santa Catarina, no Monte Sinai, em 1844 e 1849, sendo que parte se encontra em Leipzig e parte em São Petersburgo, hebraico. O rei ficou profundamente satisfeito com a obra e a depositou na sua biblioteca.

Alguns outros livros quase entraram no Novo Testamento, mas os judeus nunca os aceitaram. Outros discutiram o caso, mas foi Paulo em Romanos, capítulo 3, que disse que Deus deu aos judeus o maior dos privilégios, e esse foi o de serem os repositórios dos oráculos de Deus. Deus deu a eles a responsabilidade de serem os editores chefes, de manterem tudo junto. De modo que o processo de coletar foi ordenado por Deus, há uma supervisão providencial, não foi apenas fruto da escolha dos homens. Quem coletou os livros e decidiu quais deveriam estar ali? A resposta é simples: foi Deus. Muitos acreditam que na época de Cristo, o cânon do Antigo testamento já estava fechado. O processo para juntar o livro do Novo Testamento foi bem diferente do usado no Antigo. Todos os livros do Novo testamento foram escritos antes do ano 100 d. C. Então podemos dizer que, historicamente, o cânon estava completo no ano 100 d. C.

Mas, o trabalho da igreja em reconhecer e organizar esse cânon ocorreu em certo período. Alguns testes eram aplicados aos livros para determinar se pertenciam ao cânon ou não. Novamente precisamos lembrar o que é o cânon: é uma vara de medida, uma vareta. Ainda é Deus quem determina o cânon, e é responsabilidade do homem reconhecê-lo.

- ✓ ***O primeiro teste era o teste da inspiração.*** Eles olhavam para o livro e viam se este livro continha às marcas da inspiração. Ele tinha aquele tom elevado? Suas palavras eram verdadeiras?
- ✓ ***O segundo teste era o teste da autoria.*** Quem escreveu o livro? Foi um dos apóstolos? Alguém ligado ao círculo apostólico?
- ✓ ***O terceiro teste lidava com o assunto em questão.*** Ele centralizava-se na pessoa e na obra de Jesus Cristo? Isto porque é válido afirmar que o próprio Cristo é o cânon. Então medimos o livro pelo que ele fala sobre Cristo.
- ✓ ***E o quarto teste é o que chamamos de leitura pública das escrituras.*** Era lido em culto de adoração? No Antigo testamento, durante os momentos de culto, os judeus liam o livro da lei. Lemos sobre Esdras fazendo isso. Este livro seria lido em reuniões públicas, em reuniões de culto, da igreja?

Se um livro passasse por estes quatro testes de canonicidade, então ele seria incluído no cânon. E isto nos dá outra definição da palavra cânon: Significa uma lista de livros que compõem as escrituras. Por volta do ano 165 d.C., chegou-se um acordo geral sobre os Evangelhos, que circulavam como unidades e as epístolas de Paulo. Mas, naquela época, um herege se manifestou na igreja, e seu nome era marciano. Ele fez o seu próprio cânon. Tinha onze livros. Um Evangelho que era o Evangelho de Lucas e dez das epístolas de Paulo. E a igreja precisava responder a isso, assim por volta de 200 d. C., não apenas se chegou a um acordo em relação aos Evangelhos e as epístolas de Paulo, mas, também em relação ao livro de Atos, e ao livro de Pedro e, provavelmente, as epístolas de João e o livro de Apocalipse. Durante esse período, alguns livros também foram criticados e usavam um termo técnico, era chamado “antilegomena”. E isso simplesmente significa “falar contra”. E quatro livros foram considerados assim. Em outras palavras, havia dúvidas se estes livros faziam parte das escrituras. Um deles era o livro de Hebreus, pois era um livro anônimo; o livro de Tiago aparentemente estava ensinando justificação pelas obras, ao contrário de justificação pela fé. O livro de II Pedro, pois a linguagem parece tão diferente da usada em I Pedro e o livro de Judas, pois ele era meio irmão de Jesus. Mas, depois de um período de tempo, estes livros que originalmente foram desconsiderados, foram reconhecidos como escrituras. A primeira menção que temos de todos os vinte e sete livros que compõe o cânon do Novo Testamento, foi no ano de 367 d. C., quando Atanásio, o grande reformador de Alexandria, escreveu em sua carta, listou todos os vinte e sete. E o reconhecimento oficial desses livros aconteceu em 397 d. C., no concílio de Cartago. Então, como resultado o cânon do Novo Testamento inclui vinte e sete livros. Nós podemos ser gratos por Deus ter guiado a igreja em reconhecer quais livros eram as escrituras. Nós podemos confiar que temos todos os livros que Deus queria que tivéssemos. Foi essa confiança que gerou a orientação e dedicação de muitos homens fiéis que copiaram as escrituras.

Pode ser uma crença comum de nada importante ocorreu na Idade das Trevas. Pensamos em castelos, reis, rainhas, príncipes e princesas, guerras e pragas, Mais durante essa

época tumultuada, Deus continuou a vigiar a Sua Palavra. Quase todos os livros foram escritos em monastérios até o ano 1100 d. C., O livro mais frequentemente copiado foi a Bíblia sagrada. Os monges copiavam geralmente de um livro terminado, chamado de “exemplar”. Parando apenas para as refeições, orações e cuidar do jardim, eles copiavam cuidadosamente cada página, à mão, com muito capricho. Um dos manuscritos que veio dessa época ainda é hoje usado, na igreja Católica Romana. É a Vulgata Latina, autorizada pelo papa Damaso. A tradução feita por Gerônimo, um dos melhores linguistas da igreja primitiva. A Vulgata de Gerônimo substituiu a antiga Vulgata Latina porque possuía muitos erros nas cópias. Durante séculos cópias das escrituras gregas, foram guardadas e esquecidas. Com o advento da reforma surge um homem chamado Erasmo que era humanista grego e considerado a maior autoridade em linguística grega da Europa. Erasmo queria ver a Palavra de Deus em grego e em latim, então ele traduziu a Bíblia do grego para o latim e a versão foi impressa nos dois idiomas. É um livro que contem o grego na coluna da esquerda e o latim na coluna da direita. Este foi o primeiro Novo Testamento a ser publicado. É quase impossível diminuir ou exagerar a importância desse livro. Ele foi o instrumento usado para levar adiante a reforma da igreja. Agora os estudiosos das escrituras não vão consultar uma tradução para os seus ensinamentos. Antes dessa época eles tinham que consultar a Vulgata Latina. Agora podem voltar às fontes originais por conta própria, porque um dos grandes lemas dos humanistas era “ad fontes” voltar às fontes. Assim, quando pessoas como Martinho Lutero voltaram a estudar as escrituras na sua linguagem original descobriram que havia alguns erros na Vulgata de Gerônimo. Erros de tradução. Uma dessas traduções era da palavra “arrependimento”. Na vulgata Latina era traduzida como “fazer penitência”. Um sacramento da igreja. Outro erro de tradução muito mais importante foi à tradução da palavra “justificar”. Gerônimo quando a traduziu deu o sentido de mudança moral. Ele traduziu justificar como “agir com retidão”. Essa é uma mudança que acontece no interior da pessoa. Mas, quando a palavra justificar é usada no Novo Testamento grego é sempre usada no sentido legal “declarar justo”. É algo que Deus declara sobre uma pessoa. O próprio Lutero disse essas palavras:

“Quando eu vi que a retidão de Cristo ou a retidão de Deus, não era um padrão impossível que eu alcançaria pelos meus esforços, mas eu vi que era um dom gratuito de Deus, recebido apenas pela fé, eu senti que havia entrado nos portões do paraíso”.

Mas, onde Martinho Lutero viu isso: No versículo 17 do primeiro capítulo do livro de Romanos.

Monastérios e Universidades em toda a Europa criaram centros de copiagem, onde monges e escribas dedicados copiavam minuciosamente o texto da Bíblia. Escribas passavam suas vidas trabalhando na árdua tarefa. Esses devotos servos de Deus atendiam o chamado de Deus para ajudar a levar adiante o Seu plano de salvação. Um dos aspectos negativos em relação à transmissão da Bíblia, é que não temos nenhum dos escritos originais de Moisés, Davi, Pedro e Paulo, por exemplo. Estes escritos se deterioraram e desapareceram com o tempo e não temos ideia do que aconteceu com eles. Então, nós temos um texto confiável? Como o texto era transmitido, para que possamos ter certeza de que temos uma cópia fiel dos escritos originais? Eu acredito que a preservação tem dois lados distintos. Um lado lido com o texto em si, copiando

cuidadosamente as escrituras, a integridade ou pureza do texto era preservado. Eu acredito que havia outro lado na preservação, que era preservar a Bíblia como a própria Bíblia. Porque precisamos nos lembrar de que os textos foram copiados em épocas muito difíceis da humanidade, e especialmente na Europa. Então você tem uma ideia com dois lados: A preservação dos textos das escrituras e a preservação das escrituras propriamente ditas. Durante o período Medieval Deus trabalhou para preservar a integridade dos textos das escrituras e da Bíblia como um livro. Através dos calmos e disciplinados monges da ordem monástica. Dentro dos mosteiros monge trabalhavam longas horas para completar uma única cópia de um livro. Por volta do ano 480 um homem chamado São Benedito, ele desenvolveu uma regra chamada de regra de São Benedito, para dar estrutura à vida dos monges. A regra envolvia quatro atividades:

- ✓ Trabalhar com as mãos, fazer trabalhos manuais;
- ✓ Ler a Palavra de Deus;
- ✓ Orar e meditar;
- ✓ Desejo de aumentar sua biblioteca;

Precisamos lembrar que nessa época, se você precisasse ter um livro, você não saía simplesmente e comprava um como se faz hoje. Você tinha que achar a cópia de um livro que pertencia a alguém e essa pessoa teria que lhe emprestar e você copiaria à mão ou mandaria alguém fazer uma cópia para você. Assim em cada mosteiro havia um cômodo especial. Um quarto de escrever que era o único local no mosteiro que fazia calor para preservar a qualidade da tinta e principalmente não deixa-la congelar e também não permitir que as mãos dos monges ficassem dormentes. Eles eram verdadeiros artistas, tinham a habilidade de um calígrafo dos dias de hoje, para escrever bonita e bem legível as escrituras. Copiar as escrituras à mão começou muito antes dos mosteiros. A tradição dos escribas começou nos tempos do Antigo Testamento, como o povo de Deus, na nação de Israel. A tradição dos escribas no Antigo Testamento começou basicamente com Esdras. No entanto como os levitas eram os guardiões, os protetores e os intérpretes da Palavra de Deus, a tradição ficou mais ou menos com os levitas para serem aqueles que manteriam os manuscritos, fariam as cópias e os interpretariam. Eles tinham a responsabilidade de preservar e guardar a Palavra de Deus. As pessoas que faziam isso eram apontadas pelos líderes religiosos. Eles foram ao extremo para se certificarem que aquelas cópias eram fieis. Após copiarem uma página ou parte do rolo, eles contavam o número de palavras para se certificarem de que o que estava no novo manuscrito era exatamente o que tinha no antigo. Eles contavam o número de palavras em uma linha e se certificavam de que era o mesmo número. Eles pegavam o manuscrito antigo e começavam pelas laterais em direção ao meio para encontrar a letra do meio ai verificavam comparavam com o que tinham acabado de copiar, começavam por cada ponto e se certificavam que a letra do meio era a mesma do que a antigo manuscrito. É bem diferente quando se trata dos textos do Novo Testamento. Qualquer um podia copia-los, não havia restrições em relação à cópia desses textos em relação a um grupo de pessoas em especial. Como resultado os erros começaram a se multiplicar, ai você descobre que enquanto alguns textos eram copiados fielmente, outros não eram copiados com o mesmo grau de cuidado e diligência. Um dos problemas que os judeus tinham em relação sua história era que o hebraico antigo começou a ser uma língua estrangeira para eles. Estiveram na Babilônia e aprenderam o aramaico, depois viveram em Roma onde o grego era predominante e o latim era a

língua oficial do império Romano. Assim à medida que se dispersavam por outros países do mundo, aprendiam outros idiomas. O hebraico interessante, pois não tem vogal. Então era necessário encontrar uma maneira de reter a vocalização do texto, o que realmente dizia e como era possível ler. Então um grupo chamado Massoretas, por volta de 800 d. C., apareceu e começou a desenvolver um sistema de vocalização. Pontos e linhas em volta das letras e acentos que informavam como as palavras eram pronunciadas, como eram vocalizadas e de acordos com os sons quando eram cantadas. Todo esse sistema foi feito pelos Massoretas, ai eles enterraram os manuscritos antigos, pois estavam se deteriorando e perdendo a referência. Assim tudo o que temos são os manuscritos 800 d. C., chamados de textos massoretas. Então esse foi um pequeno problema, pois já havia um grande espaço de tempo entre a época que foram escritos, quase dois mil anos. E como sabemos que eram precisos. Mas então houve uma descoberta muito importante. Em 1947, um pastor árabe chamado Mohammed Abdib estava procurando sua cabra quando entrou numa caverna o que se tornou conhecido como Pergaminhos do Mar Morto. E quando os textos do Mar Morto foram comparados com os dos Massoretas encontraram uma tremenda semelhança com relação com os que os Massoretas haviam feito. Quando esses pergaminhos foram encontrados na caverna de Qumran, eles tinham mil anos a mais que qualquer outro manuscrito até aquela época, todos os livros do Antigo Testamento, em parte ou completo, exceto o de Ester. E quando foram traduzidos, descobriu-se que eles tinham 99 por cento de precisão com relação aos que já possuíam. Num período de mais de mil anos, e ainda assim não existe quase divergência no que diziam. Então, temos aqui um verdadeiro fortalecimento da transmissão. A bíblia foi transmitida com tanta precisão que se tornou um verdadeiro fenômeno de como os escribas haviam conseguido realizar aquilo. Por que existem tantas denominações religiosas que afirmam acreditar na Bíblia a palavra de Deus, utilizando a mesma escritura, mas interpretam de maneira diferente? Basicamente a resposta tem duas partes: Primeiro é que as pessoas criam diferentes interpretações porque elas não seguem as regras da hermenêutica que é uma palavra grega que significa interpretar, é a arte ou ciência de aplicar certas regras ou princípios, para interpretar a Bíblia que coloca tudo em seu devido contexto. Alias contexto é uma das regras da hermenêutica. O que vem antes dessa passagem, o que vem depois? Qual é o tema do livro que contém a passagem? Como avaliamos algo se for uma analogia? Como reconhecemos uma metáfora? Há o que se conhece por expressões idiomáticas, figura de linguagem. Há certas regras, certos princípios que devem ser aplicados a qualquer trecho das escrituras para interpretá-los corretamente. Porque a interpretação correta vem com o significado da palavra que o autor tinha para ela. Então a interpretação é a aplicação correta dessas regras, o que o autor, o Espírito Santo, tinha em mente quando fez com que o escritor usasse certas palavras. Agora junto com a interpretação, a hermenêutica em relação à interpretação. O segundo é que é chamado teologicamente de iluminação. Iluminação significa simplesmente, que é através da presença do Espírito Santo no coração do fiel, enquanto ele lê a Palavra de Deus, que o Espírito Santo vai iluminar e abrir a mente e o coração dessa pessoa, não só para o significado da escritura, mas como ela se aplica no sua vida pessoal. E essa é uma parte essencial não só para a compreensão da Bíblia, mas para saber fazer com que ela se torne parte de sua vida. Um dos grandes problemas do pós- modernismo, é que o significado esta no interprete e não no autor. As pessoas dizem: “significado é o que eu entendo” Isso não está correto. O significado sempre começa com o autor ou a fonte, o que aquela pessoa queria comunicar. Isso é objetivo. Se dissermos que significado é que

eu entendo. Se dissermos que significado é o que eu entendo isso se torna muito subjetivo. Você pode ter um significado eu posso ter outro, e talvez nunca iremos entender o que a pessoa realmente queria dizer. Isso é muito importante quando se trata da palavra de Deus, porque Deus é o autor de Sua palavra e é essencial que entendamos e saibamos o que Ele quis dizer, não a nossa interpretação sobre a palavra de Deus.

Cavernas de Qumran. Aqui foram encontrados os pergaminhos de muitos livros da Bíblia Sagrada.



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuscritos>

Na primeira gruta de Qumran existiam três fragmentos do Livro de Daniel, os quais foram publicados por D. Barthélemy e J. T. Milik, em *Discoveries in the Judaean Desert I: Qumran Cave I* (Descobertas no deserto da Judéia I: Caverna 1 de Qumran), (Oxford, 1955), pp. 150–152. Os fragmentos provêm de dois rolos ou de um mesmo livro, nos quais os capítulos 1 e 2 foram escritos por um escriba e o capítulo 3 por outro. Uma comparação deste texto com o texto massorético mostra 16 variantes, nenhuma das quais afetam o significado da passagem. As diferenças são tão insignificantes que não se notariam numa tradução. Este é um poderoso argumento para sustentar que o texto hebreu de Daniel está agora essencialmente na mesma forma em que estava pelo menos no tempo de Cristo. Também é interessante o fato de que o capítulo 2 inclui a passagem na qual ocorre uma mudança do idioma do hebraico para aramaico. Nesse ponto há um espaço em branco entre a última palavra em hebraico e a primeira em aramaico, o que faz uma distinção clara entre as seções dos dois idiomas. É também digno de notar que, da mesma maneira que o texto masorético, estes fragmentos não contêm o canto apócrifo dos três meninos. A quarta gruta de Qumran produziu fragmentos de couro de três manuscritos de Daniel (ainda não publicados em 1984), os quais, segundo se informou, estão em bom estado de conservação e representam porções consideráveis do livro. F. M. Cross, em *Biblical Archaeologist*, 19 (1956), 85-86; em *Revue Biblique*, 63 (1956), p. 58. Da sexta gruta de Qumran procedem vários fragmentos de papiros de Daniel, os que representam os versos 8:20-21; 10:8-16; e 11:33-38 (contêm nove variações ortográficas menores). Foram publicados por M. Baillet em *Discoveries in the Judaean Desert III: Les Petites rottes de Qumran* (Descobertas no deserto da Judeia III: as pequenas grutas de Qumran), (Oxford, 1962).

A opinião tradicional, tanto de judeus como de cristãos, é que o livro foi escrito no século VI a.C., e que Daniel foi realmente o autor. As evidências em favor dessa opinião são as seguintes:

- ✓ *Afirmações presentes no próprio livro.* O profeta Daniel fala na primeira pessoa em muitas passagens (Daniel 8:1-7 e 13-19, 27; 9:2-22; 10:2-5; etc.). Afirma que recebeu pessoalmente a ordem divina de preservar o livro (Daniel 12). O fato de que existam seções nas quais o autor se refira a si mesmo na terceira pessoa não é estranho, já que esse estilo é frequente em obras antigas.
- ✓ *O autor conhece bem a história.* Somente um homem do século VI a.C., bem versado em assuntos babilônicos, poderia ter escrito quanto a alguns dos fatos históricos que se encontram no livro. O conhecimento desses fatos se perdeu depois do século VI a.C., pois não se registrou em outra literatura antiga posterior. Descobertas arqueológicas mais ou menos recentes trouxeram estes fatos novamente à luz.
- ✓ *O depoimento de Jesus Cristo.* Jesus mencionou a Daniel como sendo o autor (Mateus 24:15). Para todo cristão este depoimento é uma evidência convincente.

Desde que o filósofo Porfírio realizou os primeiros grandes ataques contra a historicidade de Daniel (233-304 d.C.), este livro tem estado exposto aos embates dos críticos, ao princípio só de vez em quando, mas durante os dois últimos séculos o ataque foi constante. Por isso muitíssimos eruditos cristãos de hoje consideram que o Livro de Daniel é obra de um autor anônimo que viveu no século II AC mais ou menos no tempo da revolução macabeia. Estes eruditos dão duas razões principais para localizar o livro de Daniel nesse século:

- ✓ Entendem que algumas profecias se referem a Antíoco IV Epífanes (175-163 a.c.), e que a maior parte das profecias - pelo menos daquelas cujo cumprimento foi demonstrado - teriam sido escritas depois de ocorridos os acontecimentos descritos, as profecias de Daniel devem localizar-se com posterioridade ao reinado de Antíoco IV.
- ✓ Segundo seus argumentos, as seções históricas de Daniel contêm o registo de certos acontecimentos que não concordam com os fatos históricos conhecidos de acordo com os documentos disponíveis, estas diferenças podem ser explicadas se o autor não tivesse vivido os acontecimentos e, portanto só possuísse um conhecimento limitado do que tinha ocorrido 400 anos antes, nos séculos VII e VI a.c.

Dentre essas incoerências entre relatos do Livro de Daniel e os fatos históricos, pode-se citar.

- ✓ Não houve uma deportação em 605 AC;
- ✓ Beltsasar é filho de Nabônides e não de Nabucodonosor;
- ✓ Dário, que é persa e não medo é um dos sucessores de Ciro e não seu predecessor;
- ✓ O ambiente babilônico é descrito com termos de origem persa;
- ✓ Os instrumentos da orquestra de Nabucodonosor trazem nomes transcritos do grego;
- ✓ Daniel não é mencionado no Eclesiástico, que relaciona os profetas de Israel em 48: 22 e 49:7-8.10.

Além do que, a doutrina sobre os anjos, o costume de evitar o nome de Iahweh e outros elementos não são do período do Exílio na Babilônia, mas bem posteriores.

O primeiro dos dois argumentos não tem validade para os que defendem existência concreta de Daniel, porque estes creem que os inspirados profetas realmente faziam predições precisas quanto ao curso da história. O segundo argumento merece um maior atendimento e por isso apresentamos aqui um breve estudo a respeito da validade histórica do Livro de Daniel.

É verdade que Daniel descreve alguns acontecimentos que ainda hoje não podem ser verificados por meio dos documentos de que dispomos. Um desses acontecimentos é a loucura de Nabucodonosor, que não se menciona em nenhum registro babilônico que exista hoje. A ausência de comprovação de uma incapacidade temporária do maior rei do Império Neo-Babilônico não é um fenômeno estranho num tempo quando os registros reais só continham narrações dignas de louvor. Darío, o Medo, cujo verdadeiro lugar na história não foi estabelecido por fontes fidedignas alheias à Bíblia, é também um enigma histórico. Encontram-se insinuações quanto a sua identidade nos escritos de alguns autores gregos e em informação fragmentaria de fontes cuneiformes.

As outras supostas dificuldades históricas que confundiam aos comentaristas conservadores de Daniel foram resolvidas pelo aumento do conhecimento histórico que nos proporcionou a arqueologia. Mencionaremos a seguir alguns destes problemas mais importantes que já foram resolvidos:

- ✓ **A suposta discrepância cronológica entre Daniel 1:1 e Jeremias 25:1.**
Jeremias, que segundo o critério geral dos eruditos é uma fonte histórica digna de confiança, sincroniza o 4.º ano de Joaquim de Judá com o primeiro ano de Nabucodonosor da Babilônia. No entanto, Daniel fala que a primeira conquista de Jerusalém efetuada por Nabucodonosor ocorreu no terceiro ano de Joaquim, com o que indubitavelmente afirma que o primeiro ano de Nabucodonosor coincide com o terceiro ano de Joaquim. Antes da descoberta de registos dessa época que revelam os variados sistemas de computar nos anos de reinado dos antigos monarcas, os comentaristas tinham dificuldade para explicar esta aparente discrepância. Tratavam de resolver o problema supondo uma correção de Nabucodonosor com seu pai Nabopolassar ou pressupondo que Jeremias e Daniel localizavam os acontecimentos segundo diferentes sistemas de datas: Jeremias segundo o sistema judeu e Daniel segundo o babilônico. Ambas as explicações já não são válidas. Resolveu-se a dificuldade ao descobrir que os reis babilônios, como os de Judá desse tempo, contavam os anos de seus reinados segundo o método do "ano de ascensão". O ano em que um rei babilônio ascendia ao trono não se contava oficialmente como seu primeiro ano, mas como o ano de ascensão ao trono. Seu primeiro ano, é o primeiro ano completo no calendário, não começava até o próximo dia de ano novo, quando, numa cerimônia religiosa, tomava as mãos do deus babilônico Bel. Também sabemos por Josefo e pela Crônica Babilônica (documento que narra os acontecimentos dos onze primeiros anos de Nabucodonosor, descoberto em 1956) que Nabucodonosor estava empenhado numa campanha militar na Judéia contra o Egito quando seu pai morreu e ele tomou o trono.

Portanto, Daniel e Jeremías concordam completamente. Jeremías sincronizou o primeiro ano do reinado de Nabucodonosor com o quarto ano de Joaquim, enquanto Daniel foi tomado cativo no ano que subiu ao trono Nabucodonosor, ano que ele identifica como o terceiro de Joaquim.

- ✓ **Nabucodonosor como grande construtor da Babilônia.** De acordo com os historiadores gregos, Nabucodonosor desempenhou um papel insignificante na história antiga. Nunca se referem a ele como um grande construtor ou como o criador de uma nova e maior Babilônia. Todo leitor das histórias clássicas gregas reconhecerá que esta honra é dada à rainha Semiramis. No entanto, os registos cuneiformes dessa época, descobertos por arqueólogos durante os últimos cem anos, mudaram inteiramente o quadro apresentado pelos autores clássicos e confirmaram o relato do Livro de Daniel que atribui a Nabucodonosor a construção - em verdade reconstrução - da "Grande Babilônia" (Daniel 4:30). Descobriu-se agora que Semiramis era rainha mãe em Assíria, regente de seu filho menor de idade Adad-nirari III (810-782 a.C.), e não reinou em Babilônia como afirmavam as fontes clássicas. As inscrições mostraram que ela não teve nada que ver com a construção da Babilônia. Por outro lado, numerosas inscrições de Nabucodonosor que ficaram nas construções provam que ele foi o criador de uma nova Babilônia, pois reedificou os palácios, templos e a torre-templo da cidade, e adicionou novos edifícios e fortificações. Já que essa informação se tinha perdido completamente antes da época helenística, nenhum autor poderia tê-la, salvo um neobabilônico. A presença de tal informação no Livro de Daniel é motivo de perplexidade para os eruditos críticos que não crêem que o Livro de Daniel foi escrito no século VI, senão no II. Um exemplo típico de seu dilema é a seguinte afirmação de R. H. Pfeiffer, da Universidade de Harvard: *"Provavelmente nunca saberemos como soube nosso autor que a nova Babilônia era criação de Nabucodonosor... como o provaram as escavações"* - (Introduction to the Old Testament - New York, 1941).
- ✓ **Beltsasar, rei da Babilônia.** O assombroso relato da descoberta feita por orientistas modernos a respeito da identidade de Belsasar. O fato de que o nome deste rei não se tivesse encontrado em fontes antigas alheias à Bíblia, enquanto Nabonido sempre aparecia como o último rei da Babilônia antes da conquista dos persas, usava-se como um dos mais poderosos argumentos na contramão da historicidade do Livro de Daniel. Mas as descobertas efetuadas desde meados do século XIX refutaram a todos os críticos de Daniel neste respeito e têm vindicado de maneira impressionante o caráter fidedigno do relato histórico do profeta com respeito a Belsasar.
- ✓ **Os idiomas do livro.** Como Esdras, uma parte do livro de Daniel foi escrita em hebraico e outra parte em aramaico. Alguns explicaram este uso de dois idiomas supondo que no caso de Esdras o autor tomou documentos aramaicos, acompanhados com suas descrições históricas, e os incorporou a seu livro, o restante estava escrito em hebraico, o idioma

nacional de seu povo. Mas tal interpretação não se acomoda com o livro de Daniel, onde a seção aramaica começa com o versículo 2:4 e termina com o último versículo do capítulo 7. A seguir há uma lista parcial das muitas explicações que oferecem os eruditos quanto a este problema, junto com algumas observações entre parênteses que parecem contradizer a validade dessas explicações:

- a. O autor escreveu os relatos históricos para quem falavam aramaico, e as profecias para os eruditos de fala hebréia. (No entanto existe aramaico nos capítulos 2 e 7 - ambos contêm grandes profecias - indica que esta opinião não é correta)
- b. Os dois idiomas mostram a existência de duas fontes. (Esta opinião não pode ser correta porque o livro tem uma unidade marcante, coisa que até mesmo alguns críticos radicais reconheceram).
- c. O livro foi escrito originalmente em um idioma, e mais tarde algumas partes foram traduzidas. (Este ponto de vista deixa sem contestar a pergunta quanto à razão pela qual se traduziram só algumas seções ao outro idioma e não todo o livro)
- d. O autor publicou o livro em duas edições, uma em hebreu, outra em aramaico, para que toda classe de pessoas pudessem lê-lo; durante as perseguições no tempo dos Macabeos, algumas partes do livro se perderam, e as partes que se puderam salvar das duas edições foram reunidas num livro sem fazer mudanças (esta idéia tem o defeito de não poder ser comprovada e de basear-se em demasiadas conjecturas).
- e. O autor começou a escrever em aramaico no ponto onde os caldeos se dirigiram "ao rei em língua aramea" (Daniel 2:4), e continuou neste idioma enquanto escrevia nesse tempo; mas depois, quando voltou a escrever, usou o hebreu (Daniel 8:1).
- f. A última opinião aparentemente está bem orientada porque parece que as diferentes seções do livro foram escritas em diferentes ocasiões. Pelo fato de ser um culto servidor público do governo, Daniel falava e escrevia em vários idiomas. Provavelmente escreveu alguns dos relatos históricos e algumas das visões em hebreu, e outras em aramaico. Partindo desta suposição, o capítulo 1 teria sido escrito em hebreu, provavelmente durante o primeiro ano de Ciro, e os relatos dos capítulos 3 a o 6 em aramaico em diferentes ocasiões. As visões proféticas foram registradas na maior parte em hebreu (Daniel 8 a 12), ainda que a visão do capítulo 7 foi escrita em aramaico. Por outro lado, o relato do sonho de Nabucodonosor (Daniel 2) foi escrito em hebreu até o ponto em que se cita o discurso dos caldeos (Daniel 2:4); e desde este ponto até o fim da narração o autor usou o aramaico.
- g. Ao final de sua vida, quando Daniel reuniu todos seus escritos para formar um só livro, é possível que não tivesse considerado necessário traduzir certas partes para dar ao livro unidade linguística, já que sabia que a maior parte de seus leitores entenderiam os dois idiomas.

Aqueles que datam a origem de Daniel no século II a.C. têm também o problema de explicar por que um autor hebreu do período macabeo escreveu parte de um livro em hebreu e outra parte do mesmo em aramaico.

Rolo de Pergaminhos do Mar Morto.

Fonte: noticiassudbrasil.

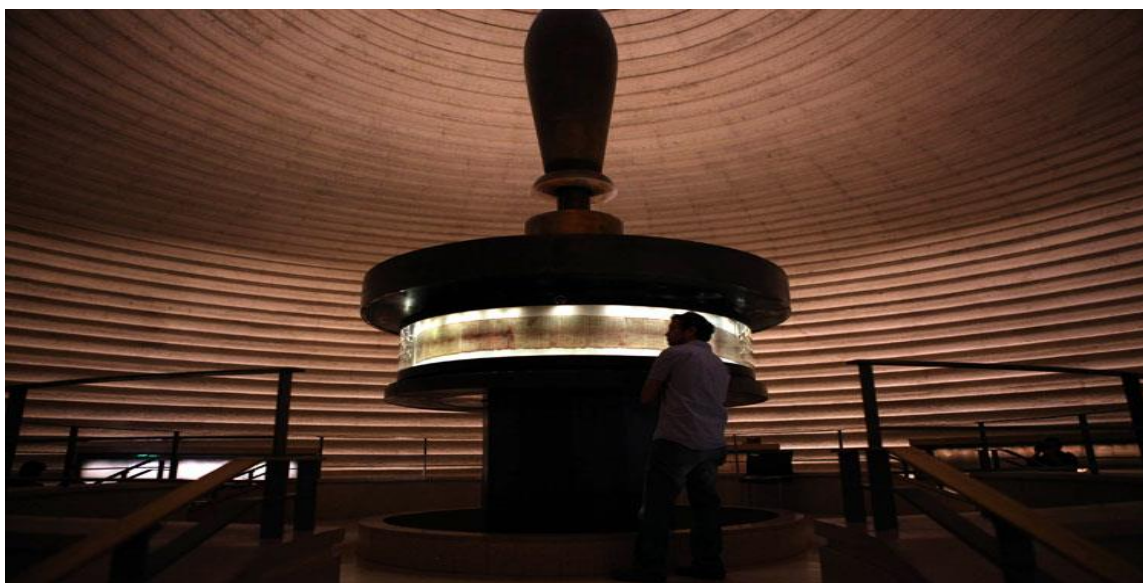


Também as peculiaridades ortográficas das seções arameas do Livro de Daniel são parecidas às do arameo do Ásia ocidental dos séculos IV e III a.C., devido possivelmente a uma modernização do idioma, há diferenças notáveis. A ortografia não pode dizer-nos muito quanto à data quando se escreveu o livro, bem como a última revisão do texto da RVR não pode tomar-se como prova de que a Bíblia foi originalmente escrita ou traduzida no século XX d.C. No máximo, as peculiaridades ortográficas podem indicar quando se fizeram as últimas revisões da ortografia.

Entre os Rolos descoberto no Mar Morto há vários fragmentos de Daniel que provêm do século II a.C. Pelo menos dois deles contêm a seção do capítulo 2 onde se faz a mudança do hebreu ao arameo e mostram claramente o caráter bilingue do livro nessa data.

Rolo do Pergaminho do Profeta Isaías.

Fonte: Museu Nacional de Israel



Uma profecia autorrealizável ou autorrealizada é um prognóstico que, ao se tornar uma crença, provoca a sua própria concretização. Quando as pessoas esperam ou acreditam que algo acontecerá, agem como se a profecia ou previsão já fosse real e assim a

previsão acaba por se realizar efetivamente. Ou seja, ao ser assumida como verdadeira - embora seja falsa - uma previsão pode influenciar o comportamento das pessoas, seja por medo ou por confusão lógica, de modo que a reação delas acaba por tornar a profecia real.

A expressão foi cunhada pelo sociólogo Robert K. Merton, que elaborou o conceito (*self-fulfilling prophecy*) no seu livro *Social Theory and Social Structure*, publicado em 1949. Merton estudou a corrida aos bancos, verificando que, quando se difunde o boato de que um banco está em dificuldades, os correntistas apressam-se em retirar os valores ali depositados e liquidar outros negócios, de modo que o banco acaba mesmo falindo. Nas palavras de Merton:

“A profecia autorrealizável é, no início, uma definição falsa da situação, que suscita um novo comportamento e assim faz com que a concepção originalmente falsa se torne verdadeira.”

Os Pergaminhos do Mar Morto provam que as profecias do Antigo Testamento existiram antes de Jesus vir à terra, ratificando a vinda do Messias, mas a única coisa que diz que Jesus foi a pessoa que cumpriu estas profecias é o Novo Testamento. Portanto, temos um livro religioso sendo utilizado para apoiar as profecias em outro livro religioso - as narrativas do Novo Testamento documentam o cumprimento profético do Antigo Testamento. Não é isso raciocínio circular e profecia autorrealizadora? Não estamos usando a Bíblia para validar a Bíblia? Como já foi dito anterior, Bíblia é composta de 66 textos separados e distintos escritos por 40 autores que muitas vezes não tinham nada a ver uns com os outros.

Se considerarmos cada texto por si só, o nível de validade e comprovação dentro de cada volume bíblico é notável. A Bíblia na verdade confirma a si mesma através da concepção inerente que liga seus 66 livros separados em um “trabalho de integração”. Quando analisada objetivamente, por que devemos ter um problema em usar os 27 textos do Novo Testamento para ajudar a validar os 39 textos do Antigo Testamento? Estamos apenas usando uma coleção de antigos documentos históricos para estabelecer a veracidade de uma outra coleção de antigos documentos históricos. Historiadores acadêmicos fazem isso o tempo todo. Isso não é profecia autorrealizável. Desse conceito, podemos compreender no que diz respeito aos 39 livros do Antigo Testamento, onde centenas de anos separaram os autores e textos. No entanto, já que os 27 livros do Novo Testamento foram colocados juntos em um período de tempo relativamente curto, talvez eles fossem mais aptos a serem planejados como um todo por um grupo de fanáticos e conspiradores:

- ✓ Existem quaisquer fontes comprovadoras além deste coeso grupo religioso?
- ✓ Outros autores gravaram eventos “bíblicos” fora da Bíblia.

Assim, estamos bem adiantado no processo de elucidar o argumento de “profecia autorrealizadora” sobre a Bíblia, e podemos evitar o problema por completo analisando a documentação histórica “extra-bíblica” do cumprimento profético do Antigo Testamento. Desta forma podemos indagar: Existe alguma documentação fora do Novo Testamento que mostre que Jesus foi executado como previsto nas Escrituras judaicas, tais como Salmo 22 e Isaías 53?

A resposta a esse questionamento é sim, existe várias fontes não cristãs fora dos textos bíblicos que corroboram os eventos do Novo Testamento. Na verdade, há uma variedade de fontes fora da bíblia que diretamente mencionam Jesus Cristo e a ascensão do Cristianismo. Vamos examinar algumas *dessas fontes historicas*.

Cornélio Tácito (c. 55-120 DC) considerado um grande historiador da Roma antiga. Sua obra-prima, Anais, é representada por um conjunto de dois volumes (capítulos 1-6, com um manuscrito sobrevivente, e os capítulos 11-16, conhecido como Histórias, com 32 manuscritos sobreviventes).

Como pano de fundo, no dia 19 de julho de 64 DC, um incêndio começou em Roma que queimou por nove dias, finalmente destruindo cerca de três quartos da cidade. De acordo com Tácito, surgiram rumores de que o fogo foi planejado pelo próprio (e muito instável) Imperador Nero. Em resposta, Nero criou uma diversão ao condenar os Cristãos à tortura e execução.

“Por conseguinte, para se livrar da acusação, Nero culpou e infligiu as mais terríveis torturas em uma classe odiada por suas abominações, chamada pelo populacho de Cristãos. Christus, de quem o nome teve sua origem, sofreu a penalidade extrema durante o reinado de Tibério às mãos de um de nossos procuradores, Pôncio Pilatos, e uma superstição muito pernicioso, portanto, marcada para o momento, mais uma vez surgiu, não só na Judeia, a primeira fonte do mal, mas também em Roma, onde todas as coisas horríveis e vergonhosas de toda parte do mundo encontram o seu centro e se tornam populares. Assim, de primeiro apenas os que confessavam ser culpados foram presos e, em seguida, com base em suas informações, uma imensa multidão foi condenada, não tanto do crime de incendiar a cidade, mas por ódio contra a humanidade. Zombaria de toda espécie foi adicionada às suas mortes. Cobertos com as peles dos animais, eles foram dilacerados por cães e assim pereceram, ou foram pregados em cruces, ou foram condenados ao fogo e queimados, para servir como uma iluminação noturna quando a luz do dia já tinha expirado. Nero oferecia seus jardins como um espetáculo e exibia um show no circo, enquanto ele se misturava com as pessoas vestido de cocheiro de carruagem, ou ficava apenas em pé, um tanto distante, em uma de suas carruagens. Por conseguinte, até por criminosos que mereciam punição extrema havia um sentimento de compaixão, pois estavam sendo punidos não pelo bem da maioria, mas para alimentar a crueldade de um só homem”.

De Cornélio Tácito, provavelmente o principal historiador romano daquele período, não há qualquer dúvida de que os Cristãos existiam em 64 DC. Além disso, eles enfrentaram “perseguição odiosa” por sua fé em Cristo, uma verdadeira figura histórica que foi executada na Judeia durante o reinado de Tibério às mãos de Pôncio Pilatos.

Flávio Josefo (37-100 CC), um general judeu e membro da aristocracia sacerdotal dos judeus, voltou-se para o lado do Império Romano na grande revolta judaica de 66-70 DC. Josefo passou o resto de sua vida em Roma (ou perto) como conselheiro e historiador a três imperadores: Vespasiano, Tito e Domiciano. Durante séculos, as obras de Josefo foram mais lidas na Europa do que qualquer outro livro, com exceção da Bíblia. Os seus livros são fontes de valor inestimável que registram o testemunho ocular do desenvolvimento da civilização ocidental, incluindo a fundação e crescimento do

Cristianismo no século primeiro. Notavelmente, Flávio Josefo menciona acontecimentos e pessoas do Novo Testamento em algumas das suas obras. Para mim, esta foi uma das provas mais importantes contra as teorias de lenda que assolavam a minha visão do Cristianismo primitivo. Aqui estão alguns trechos fascinantes:

“Nessa época, havia um homem sábio chamado Jesus. O seu comportamento era bom, e ele era conhecido por ser virtuoso. Muitas pessoas dentre os judeus e outras nações se tornaram seus discípulos. Pilatos o condenou a ser crucificado e morrer. No entanto, aqueles que tinham se tornado seus discípulos não abandonaram o seu discipulado. Ao contrário, eles relataram que Jesus tinha aparecido a eles três dias após sua crucificação e que estava vivo; conseqüentemente, ele talvez tenha sido o Messias sobre quem os profetas têm contado maravilhas”.

“Após a morte do procurador Festo, quando Albinus estava prestes a suceder-lhe, o sumo sacerdote Ananias achou uma boa oportunidade de reunir o Sinédrio. Ele, portanto, fez com que Tiago, irmão de Jesus, que era chamado Cristo, e vários outros, comparecessem perante este concílio que tinha se reunido às pressas, e pronunciou sobre eles a sentença de morte por apedrejamento. Todos os sábios e observadores estritos da lei que estavam em Jerusalém manifestaram a sua desaprovação deste ato”.

“Alguns até foram para o próprio Albinus, que tinha partido para Alexandria, para levar à sua atenção esta violação da lei e para informá-lo que Ananias tinha agido ilegalmente na montagem do Sinédrio sem a autoridade romana”.

“Agora, alguns dos judeus achavam que a destruição do exército de Herodes tinha vindo (muito justamente) de Deus como uma punição pelo que ele fizera contra João, chamado de Batista; Herodes matou João, um bom homem, e ordenou que os judeus exercessem virtude, tanto como a justiça para com o outro e como piedade para com Deus, e que assim chegassem ao batismo; para que [a lavagem com água] fosse-lhe aceitável se dela se utilizassem, não para se livrar [ou remir] de [apenas] alguns pecados, mas para a purificação do corpo; supondo ainda que a alma já tinha sido previamente e completamente purificada pela justiça”.

Estas três citações de “Josefo” realmente falam por si mesmas! Professor Shlomo Pines, um conhecido estudioso israelense, discute o fato da historicidade de Jesus e as referências a Jesus por Flávio Josefo:

De fato, no que diz respeito às probabilidades, nenhum Cristão poderia ter produzido um texto tão neutro: para ele o único ponto importante sobre o assunto poderia ter sido sua comprovação da evidência histórica de Jesus. Mas o fato é que até aos tempos modernos, esta crença em particular (isto é, alegar que Jesus é uma farsa) nunca tinha começado. Mesmo os adversários mais fortes do Cristianismo nunca expressaram qualquer dúvida sobre a existência de Jesus.

Antiguidades Judaicas, Livro 18, capítulo 3, parágrafo 3 (traduzida do manuscrito árabe do quarto século). Uma versão mais fenomenal deste texto ainda existe, e muitos estudiosos declaram que foi “manipulada” um pouco em alguns lugares. No entanto, esta versão chegou a ser citada tão cedo quanto 325 DC:

“Agora havia durante este tempo Jesus, um homem sábio, se é lícito chamá-lo de um homem, pois ele era executor de obras maravilhosas, um professor de tais homens que recebem a verdade com prazer. Ele atraiu para si muitos dos judeus e muitos dos gentios. Ele era [o] Cristo. E quando Pilatos, por sugestão dos principais homens entre nós, condenou-o à cruz, aqueles que o amavam a princípio não o abandonaram, pois ele lhes apareceu vivo novamente no terceiro dia, assim como os divinos profetas tinham predito estas e inúmeras outras coisas maravilhosas a respeito dele. E a tribo dos Cristãos, assim chamada por causa dele, não está extinta até este dia”.

Plínio o Jovem (c. 62 - c.113 DC) era o governador romano da Bitúnia (atual região ao noroeste da Turquia). Cerca de 111 ou 112 DC, ele escreveu a seguinte carta ao imperador Trajano de Roma pedindo conselhos sobre como lidar com os Cristãos.

“É uma regra, Senhor, que eu observo inviolavelmente, referir-me a vós em todas as minhas dúvidas; pois quem é mais capaz de guiar a minha incerteza ou de informar a minha ignorância? Sem nunca ter assistido a sequer um julgamento dos Cristãos, eu sou ignorante no que diz respeito ao método e aos limites a serem observados tanto na análise quanto na punição. Se alguma diferença deve ser permitida entre o mais jovem e o adulto; se o arrependimento permite o perdão, ou se nada pode salvar um homem uma vez convertido ao Cristianismo; se a mera declaração solene do Cristianismo, embora sem crimes, ou se somente os crimes que lhe estão associados são puníveis - em todos estes pontos tenho grandes dúvidas. No entanto, o método que tenho observado com aqueles que têm denunciado a mim que são Cristãos é o seguinte: eu lhes pergunto se são Cristãos; se confessaram, repeti a pergunta mais duas vezes, acrescentando a ameaça de punição capital; caso eles ainda perseverarem, eu os ordenei à execução. Pois qualquer que seja a natureza do seu credo, pelo menos não pude sentir nenhuma dúvida de que transgressão e obstinação inflexíveis merecem castigo. Havia outros que também possuíam a mesma paixão, mas sendo cidadãos de Roma, eu os dirigi para que lá pudessem ser julgados. Essas acusações se espalharam (como é normalmente o caso) a partir da simples investigação do assunto e de diversas formas de corrupção virem à tona. Um cartaz foi colocado, sem qualquer assinatura, acusando um grande número de pessoas pelo nome. Aqueles que negaram ser, ou ter sido, Cristãos, e que repetiram depois de mim uma invocação aos deuses e ofereceram adoração, com vinho e incenso, à vossa imagem, que eu tinha, juntamente com a dos deuses, encomendado para essa ocasião, e que finalmente amaldiçoaram a Cristo - achei que fosse adequado dispensar-lhes. Outros que foram nomeados por esse informante de primeira confessaram ser Cristãos, mas em seguida negaram; verdade, eles tinham sido de persuasão, mas finalmente desistiram de algo que para alguns era de cerca de três anos, outros há muitos anos e alguns tanto como vinte e cinco anos atrás. Todos eles adoraram a vossa estátua e as imagens dos deuses e amaldiçoaram a Cristo. Afirmaram, no entanto, que toda a sua culpa, ou o seu erro, foi que tinham o hábito de reunião em um determinado dia fixo antes do amanhecer do dia, quando cantavam em versos alternados um hino a Cristo, como a um deus, e vincularam-se por um juramento solene, não a qualquer maldade, mas a nunca cometer qualquer fraude, roubo ou adultério, nunca falsificar a sua palavra, nem deixar de entregar uma relação de confiança

quando necessário; após essa reunião, era o seu costume se separar para então se reunir novamente e dividir os alimentos - mas a comida de um tipo comum e inocente. Mesmo esta prática, no entanto, eles abandonaram após a publicação do meu edital, pelo qual, de acordo com vossas ordens, eu tinha proibido as associações políticas. Julguei tanto mais necessário extrair a verdade real, com a ajuda de tortura de duas escravas que eram diaconisas de estilo, mas eu não consegui descobrir nada mais do que superstição depravada e excessiva. Por isso então adiei o processo e dirigi-me diretamente ao vosso conselho. O assunto parecia ser importante o suficiente para que fosse dirigido a vós, especialmente considerando os números em perigo. Pessoas de todas as classes e idades e de ambos os sexos são, e serão, envolvidas na acusação, pois esta superstição contagiosa não se limita apenas às cidades, mas tem se espalhado pelas aldeias e zonas rurais; parece possível, no entanto, verificar e curá-la”.

Esta é uma carta impressionante preservada desde a antiguidade. “Plínio o Jovem” fala do Cristianismo se espalhando por todo o Império Romano e se dirige ao processo de perseguição dos seguidores desta “superstição”. Plínio também menciona Cristo por nome três vezes como o centro do Cristianismo e descreve práticas Cristãs, incluindo a adoração de Cristo “como a um Deus”.

Suetônio - era um historiador e secretário de Adriano, o Imperador de Roma, entre 117 a 138 DC. A respeito do imperador Cláudio (41-54 DC) e da revolta de Roma em 49 DC, Suetônio escreveu:

Já que os judeus estavam fazendo constantes distúrbios na instigação de Christus [Cristo], ele [Cláudio] os expulsou de Roma.

Curiosamente, Atos 18:2 diz que Paulo encontrou Áquila e sua esposa Priscila logo depois de terem saído da Itália porque Cláudio os tinha expulsado. Mais tarde, Suetônio escreveu sobre o grande incêndio de Roma em 64 DC:

Punição por Nero foi infligida aos Cristãos, uma classe de homens dada a uma superstição nova e travessa.

Mara Bar-Serapião - um filósofo estoico da Síria escreveu esta carta ao seu filho da prisão em algum momento depois de 70 DC:

“Que vantagem os atenienses alcançaram ao pôr Sócrates à morte? Fome e praga vieram sobre eles como um julgamento por seus crimes. Que vantagem os homens de Samos ganharam por queimar Pitágoras? Em um só momento sua terra estava coberta de areia. Que vantagem alcançaram os judeus por executar seu sábio rei? (eu grifei) Foi bem depois disso que seu reino foi abolido. Deus vingou justamente esses três homens sábios: os atenienses morreram de fome, os habitantes de Samos foram atacados pelo mar; os judeus, arruinados e expulsos de suas terras, vivem em completa dispersão. (eu grifei) Mas Sócrates não morreu de uma vez por todas, ele continuou a viver na estátua de Platão. Pitágoras não morreu de uma vez por todas, ele continuou a viver na estátua de Hera. Nem o rei sábio morreu de uma vez por todas; ele continuou a viver no ensino que tinha dado”.

Esta carta se refere a Jesus como sendo o **“rei sábio”**. O escritor obviamente não é um Cristão porque ele coloca Jesus ao mesmo nível que Sócrates e Pitágoras. Sem qualquer

inclinação em sua referência a Jesus e à Igreja, esta carta é uma referência histórica valiosa sobre a historicidade de Jesus.

Luciano de Samósata era um filósofo grego do século 2. Este texto preservado é obviamente uma sátira, mas é uma poderosa “fonte extra bíblica”:

“Os Cristãos, vocês sabem, adoram um homem até hoje - esse personagem distinto que introduziu seus rituais fora do comum e foi crucificado por causa disso... Sabe, essas criaturas equivocadas começaram com a convicção geral de que são imortais para sempre, o que explica o desprezo da morte e a auto-dedicação voluntária que são tão comuns entre eles; e então eles foram ensinados por seu legislador original que são todos irmãos a partir do momento em que são convertidos e negam os deuses da Grécia, adoram o sábio crucificado e vivem de acordo com suas leis. Tudo isso eles levam muito em fé, causando como resultado o desprezo de todos os bens materiais semelhantes, considerando-os apenas como propriedade comum”.

Esta obra está longe de ser lisonjeira, mas absolutamente apoia a pessoa de Jesus Cristo (“o sábio crucificado”) e a sobrevivência da igreja Cristã no século II.

Tradição Judaica

De todas as fontes antigas de Jesus, as menos favoravelmente tendenciosas parecem ser de origem rabínica. Há realmente um número significativo de referências a Jesus na tradição judaica, mas muitas delas usam nomes como “esse homem” quando se referem a Jesus Cristo. Portanto, algumas das referências são agora consideradas não confiáveis. Não obstante, no Talmude babilônico, o comentário formal sobre as Leis judaicas compiladas entre 200-500 DC, há uma referência poderosa sobre Jesus:

Tem sido ensinado: Na véspera da Páscoa, mataram Yeshu. E um anunciador surgiu primeiro, por quarenta dias dizendo: ‘Ele vai ser apedrejado porque praticou feitiçaria, seduziu e incentivou Israel a se desviar. Quem sabe alguma coisa em seu favor, apresente-se e faça um apelo em seu nome. Mas, não tendo encontrado nada em seu favor, ele foi morto na véspera da Páscoa.

Esta é considerada uma referência digna de confiança sobre Jesus (“Yeshu”), encontrada na tradição judaica. Aqui os escritores rabínicos confirmam que Jesus foi uma figura histórica, que foi crucificado na véspera da Páscoa e que fez milagres, mencionados aqui como “feitiçaria”. Os eventos que cercam a vida de Jesus não foram desmentidos, pelo contrário, foram definitivamente confirmados na tradição judaica. Bem, eu estava procurando por fontes imparciais de informação, fora da Bíblia, que falam sobre a pessoa de Jesus, sua morte por pena de morte e a ascensão de uma religião em seu nome. Surpreendentemente, foi exatamente isso que achei! As narrativas históricas não-Cristãs de Cornélio Tácito, Flávio Josefo, Plínio o Jovem, Suetônio, Mara Bar-Serapião, Luciano de Samósata e até mesmo os escritos do (extremamente parcial) Sinédrio judaico reivindicam os relatos bíblicos sobre a vida e a morte de Jesus Cristo no primeiro século DC. Além dos nove autores do Novo Testamento que escreveram sobre Jesus em narrativas distintas, achei pelo menos vinte autores Cristãos primitivos, quatro escritos heréticos e sete fontes não-Cristãs que fazem menção explícita de Jesus – todas com menos de 150 anos depois da sua vida. Isso equivale a um mínimo de 40

autores e todos mencionam explicitamente Jesus e a expansão de um movimento espiritual em seu nome. Temos mais autores que mencionam Jesus Cristo dentro de 150 anos depois de sua vida do que sobre o imperador romano que reinou durante aquela mesma época. Os estudiosos têm conhecimento de apenas dez fontes que mencionam o imperador Tibério naquele mesmo prazo, incluindo Lucas, Tácito, Suetônio e Veleio. Assim, dentro deste curto espaço de tempo, o número de escritores primitivos que mencionam Jesus superam aqueles que mencionam o líder do Império Romano inteiro (na verdade, o mundo antigo daquela época) por uma proporção de 4:1. Tudo bem, isso é uma prova fantástica da vida e morte histórica de um líder religioso chamado “Jesus Cristo”, mas e o resto? O que dizer sobre os supostos milagres...? O que dizer sobre o maior milagre - sua ressurreição dentre os mortos.

Milagres de Jesus. Na verdade, consegui superar o obstáculo dos “Milagres de Jesus” muito rápido. Para mim, a suspensão (ou violação) das leis naturais envolvidas nos milagres de Jesus não é realmente diferente do que testemunhamos no dia-a-dia. Existem forças naturais inerentes representadas pelas leis da física, propriedades químicas e fórmulas matemáticas, e há forças volitivas que podem interagir ou contrariar as naturais.

Por exemplo, as leis da gravidade que mantêm uma pedra no chão não são suspensas (ou violadas) quando um rapaz neutraliza a gravidade ao aplicar uma maior força física para pegar e atirar a pedra. A mesma lógica vale quando lemos os relatos de testemunhas oculares de Jesus caminhando sobre as águas ou transformando a água em vinho. A partir de uma base racional, ele está apenas aplicando uma força volitiva fora daquilo que conhecemos como leis naturais dentro de nossas quatro dimensões materiais. Filosoficamente existe uma predisposição a rejeitar qualquer referência a eventos sobrenaturais, mas isso não significa que eles não podem ocorrer ou não ocorrem de fato. Dada à consciência de que existe um Deus, os “milagres de Jesus” são muito sensatos. Um agente sobrenatural não é logicamente limitado pelos efeitos da sua causa sobrenatural - portanto, Deus não é restringido por leis que regem nosso universo naturalista. A lei natural é a criação de Deus, instituída por Ele para governar sua criação. O criador não é “embalado” por sua criação. Ao considerar um agente sobrenatural, é lógico pensar além do comum ou natural. Dada a realidade de um criador sobrenatural, as narrativas encontradas no evangelho sobre os milagres de Jesus são muito sensatas também. Alguns acreditam que esses textos foram inspirados pelo próprio Deus. No entanto, quer você pessoalmente os mantenha em tão alta estima ou não, no mínimo os evangelhos representam quatro distintos relatos históricos escritos por quatro autores individuais que, segundo os critérios seculares, independentemente documentam acontecimentos históricos. A predisposição filosófica para ignorar qualquer coisa milagrosa ou teológica simplesmente não é um bom motivo para rejeitar os textos do evangelho. Novamente, vamos considerar a integridade dos escritores dos evangelhos, homens dispostos a sofrer intensa perseguição e até mesmo morrer em defesa dos seus testemunhos individuais. Como já discutido anteriormente, Lucas é geralmente considerado como um dos maiores historiadores da antiguidade. Dr. John McRay, professor de Novo Testamento e de Arqueologia na Universidade de Wheaton, em Illinois, praticamente resume:

“O consenso geral de ambos os estudiosos liberais e conservadores é que Lucas é muito preciso como um historiador. Ele é erudito, ele é eloquente, o seu grego

aproxima-se de qualidade clássica, ele escreve como um homem educado e descobertas arqueológicas estão mostrando repetidamente que Lucas é exato no que tem a dizer”.

Sir William Ramsey, um dos maiores arqueólogos dos tempos modernos, concorda: “Lucas é um historiador de primeira categoria.” Temos uma boa razão para descartar o relato de Lucas da vida de Jesus?

O que dizer dos outros escritores do evangelho que deram suas vidas por seus depoimentos escritos sobre os milagres de Jesus? **Ressurreição de Jesus Cristo** Certo, mas agora vem uma grande pergunta... O ponto principal... A ressurreição de Jesus Cristo realmente aconteceu? Será que Jesus realmente ressuscitou dos mortos e por que este evento é tão importante...? Em um simples resumo, o Novo Testamento é fundado sobre Jesus Cristo e o poder da sua “ressurreição”. Já que a fundação do Cristianismo bíblico é a ressurreição de Jesus Cristo, então a veracidade histórica de sua vida, morte e ressurreição são igualmente importantes. Pois como Paulo declarou em sua carta aos Coríntios:

“E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé; e somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado contra Deus que ele ressuscitou a Cristo, ao qual ele não ressuscitou, se é certo que os mortos não ressuscitam”.

A única forma legítima de investigar a ressurreição de Jesus Cristo é testar a evidência histórica sem qualquer pressuposição ou preconceito. Portanto, para ser justo, vamos julgar as provas como qualquer outro evento histórico.

Com base nas normas e regras para uma evidência válida, o testemunho coerente de várias testemunhas credíveis seria considerado o melhor tipo de prova disponível para o litigante. Portanto, se encontrarmos tal testemunho presente em narrativas credíveis do registro histórico, teremos então resolvido um grande desafio evidencial quando submetidas a regras tradicionais. Na verdade, encontramos vários depoimentos de testemunhas oculares sobre a ressurreição de Jesus. Em sua carta à igreja de Corinto, Paulo estabeleceu o seguinte:

“Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas e, depois, aos doze. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem”.

Estudos de manuscrito indicam que esta era uma das primeiras crenças da fé Cristã, escrita poucos anos após a morte de Jesus Cristo. Portanto, é dramático que Paulo termina o trecho com “dos quais a maioria sobrevive até agora”. Paulo estava convidando as pessoas a verificar os fatos.

Ele não teria incluído uma declaração como essa se estivesse tentando esconder algo como uma conspiração, fraude, mito ou lenda. A ressurreição de Jesus Cristo também foi declarada em várias outras narrativas, incluindo a aparição de Jesus a Maria Madalena, a outras mulheres, a Cléopas e seu companheiro, a onze discípulos e outras pessoas, a dez apóstolos e outras pessoas (excluindo Tomé), aos apóstolos (incluindo Tomé), a sete apóstolos, aos discípulos e aos apóstolos no monte das Oliveiras. O grande teste de credibilidade para essas testemunhas oculares foi que muitas delas enfrentaram mortes horrendas por seu testemunho ocular. Isso é realmente dramático!

Estas testemunhas sabiam da verdade! O que poderiam possivelmente ganhar por morrer por uma mentira conhecida? A evidência fala por si, estas pessoas não eram apenas religiosos fiéis morrendo por uma crença religiosa, elas eram seguidores de Jesus morrendo por um evento histórico - a ressurreição de Jesus Cristo que o estabeleceu como o Filho de Deus.

Evidência da Ressurreição. Com o tempo, podemos observar que a prova da ressurreição de Jesus Cristo era um dos fatos mais sólidos e comprovados da antiguidade. Depois de ressuscitar dos mortos e antes de subir ao céu, Jesus foi visto por centenas de testemunhas oculares, muitas das quais morreram defendendo fortemente o seu testemunho. Os primeiros seguidores de Cristo estavam dispostos a sofrer e morrer por sua história. Este fato estabelecido confirma a sinceridade da sua fé e fortemente exclui decepção por sua parte. Na verdade, todos os escritores do Novo Testamento (com exceção de um) foram executados por defender e proclamar a ressurreição de Cristo (João foi o único poupado, mas foi forçado ao exílio pelo imperador romano Tito Flávio Domiciano). Esta é uma prova realmente convincente da ressurreição. É claro que o martírio em si não é original - muitos ao longo da história têm morrido espontaneamente por suas crenças. O que torna o martírio dos discípulos algo extraordinário é que para estes homens estavam em condições de realmente saber se o que estavam professando era verdade ou não. Sabe, ninguém conscientemente escolhe sofrer torturas e morte terrível a fim de defender algo que sabem ser mentira. Por exemplo, os sequestradores suicidas do dia 11 de setembro talvez acreditavam sinceramente naquilo por que morreram, mas certamente não estavam em posição de saber se o que eles acreditavam era verdade ou não. Eles colocaram a sua fé nas tradições religiosas passadas a eles por muitas gerações. Em contraste, os mártires do Novo Testamento ou viram o que alegaram ter visto, ou não; é simples assim. Ou eles interagiram com o Jesus ressuscitado, ou não. Dramaticamente, esses homens se agarravam aos seus testemunhos até sua morte brutal nas mãos de seus perseguidores, e isso apesar de serem oferecidas várias chances de renegar sua fé e sabendo muito bem se o seu testemunho era verdadeiro ou falso. Por que tantos homens morreriam conscientemente por uma mentira? Eles não tinham nada a ganhar por mentir e obviamente tudo a perder. Além dos discípulos terem a experiência do que alegaram ser aparições da ressurreição, houve até mesmo alguns céticos que acreditavam que Jesus tinha-lhes aparecido vivo depois da crucificação. A maioria dos estudiosos bíblicos concorda hoje que Paulo era um cético e até mesmo um perseguidor da igreja Cristã primitiva antes de sua experiência com uma aparição pós-ressurreição. A maioria dos estudiosos concorda também que Tiago era um cético antes de sua experiência com o que ele chamou de uma aparição pós-ressurreição.

A experiência de Paulo o levou a mudar imediatamente de um perseguidor horrível do Cristianismo a um dos seus defensores mais agressivos. Ele afirmou que esta mudança só veio após a interação pessoal com o Cristo ressurreto, e Ele voluntariamente sofreu e morreu por seu testemunho. Além disso, antes da ressurreição de Jesus, seu próprio irmão, Tiago, era um cético. Sua experiência de um aparecimento pós-ressurreição é relatada dentro de cinco anos depois da crucificação de Jesus. Depois de pessoalmente interagir com o Cristo ressurreto, Tiago tornou-se líder da igreja Cristã em Jerusalém. Tiago voluntariamente morreu por sua crença de que Jesus era o Messias que morreu e ressuscitou. Será que alguém que estava disposto a sofrer e morrer uma morte horrível em defesa das Escrituras seria culpado de corromper essas mesmas Escrituras? Isso é uma loucura! E se essa pessoa as tivesse corrompido (ou até mesmo permitido que

fossem corrompidas), isso significaria sofrer e morrer conscientemente por uma mentira! É apenas a natureza humana... Ninguém sofre e morre conscientemente por uma mentira! OK, talvez um louco, mas não um grupo inteiro de testemunhas oculares...! Mais uma vez, quando analisada criticamente, essa “evidência da ressurreição” de Jesus Cristo é verdadeiramente convincente. **Túmulo Vazio.** Alguns dos estudos acadêmicos sobre o túmulo vazio de Jesus, a grande maioria dos estudiosos modernos concorda que o túmulo de Jesus foi encontrado vazio.

O fator de Jerusalém. Já que Jesus foi publicamente executado e enterrado em Jerusalém, teria sido impossível que o Cristianismo começasse lá enquanto o corpo ainda estava no túmulo. Os inimigos de Cristo na liderança judaica e governo romano só teriam que exumar o cadáver e exibi-lo publicamente para que a farsa do túmulo vazio fosse quebrada. **A resposta judaica.** Ao invés de apontar para um túmulo ocupado, os líderes judeus acusaram os discípulos de Cristo de terem roubado o seu corpo. Será que esta estratégia não parece demonstrar que houve, de fato, um túmulo vazio e um corpo ausente?

O depoimento das mulheres. Em todos os quatro relatos evangélicos do sepulcro vazio, mulheres são apresentadas como as principais testemunhas. Isso seria uma invenção estranha, pois em ambas as culturas judaicas e romanas, mulheres não eram apreciadas e seu testemunho não era admissível. Quando você compreende o papel das mulheres na sociedade judaica do primeiro século, o que é realmente extraordinário é que, para começar, esta história do túmulo vazio caracteriza as mulheres como as descobridoras do túmulo vazio. As mulheres ocupavam um lugar muito baixo da escada social na Palestina do primeiro século. Há antigos ditados rabínicos que diziam:

“Que as palavras da lei sejam queimadas ao invés de serem entregues às mulheres e ‘bem-aventurado é aquele cujos filhos são do sexo masculino, mas ai daqueles cujos filhos são do sexo feminino’. O testemunho das mulheres era considerado tão sem valor que elas não eram nem autorizadas a servir como testemunhas legais em uma corte da lei judaica. À luz disto, é absolutamente notável que as principais testemunhas do túmulo vazio são essas mulheres... Qualquer narrativa lendária certamente teria retratado discípulos homens como descobrindo o túmulo - Pedro e João, por exemplo. O fato de que as mulheres são as primeiras testemunhas do túmulo vazio é mais plausivelmente explicado pela realidade que - goste ou não - elas realmente foram as descobridoras do túmulo vazio! Isso mostra que os escritores do Evangelho fielmente registraram o que aconteceu, mesmo se fosse embaraçoso, confirmando a historicidade dessa tradição ao invés de seu estatuto lendário”.

Simon Greenleaf (1783-1853) foi um dos fundadores da Escola de Direito de Harvard. Ele foi o autor do texto autoritário em três volumes, *A Treatise on the Law of Evidence* (1842), que ainda é considerado “a maior autoridade individual em evidência em toda a literatura de procedimento legal”.¹ Greenleaf literalmente escreveu as regras de evidência para o sistema jurídico americano. Ele certamente era um homem que sabia como pesar os fatos. Ele era ateu até que aceitou um desafio de seus alunos para investigar o caso da ressurreição de Cristo. Após pessoalmente recolher e analisar as provas com base nas regras evidenciais que ele mesmo ajudou a criar, Greenleaf se tornou um Cristão e escreveu o clássico *Testimony of the Evangelists*.

“Que o testemunho [do Evangelho] seja examinado minuciosamente, como se tivesse sido apresentando em um tribunal de justiça do lado da parte adversa, com a testemunha sendo submetida a um rigoroso interrogatório. O resultado, acredita-se confiantemente, será uma convicção que não deixa dúvidas de sua integridade, habilidade e verdade”.

Sr. Lionel Luckhoo (1914-1997) é considerado um dos maiores advogados da história britânica. Ele está registrado no *Guinness Book of World Records* como o “advogado mais bem sucedido do mundo”, com 245 absolvições consecutivas de assassinato. Ele foi nomeado cavaleiro pela rainha Elizabeth II -- duas vezes. Luckhoo declarou:

“Eu humildemente acrescento que passei mais de 42 anos como advogado de defesa aparecendo em muitas partes do mundo e ainda estou muito ativo nesse ramo. Tenho tido a sorte de conseguir um número de sucessos em julgamentos e digo, inequivocamente, que a prova da ressurreição de Jesus Cristo é tão avassaladora que obriga a sua aceitação sem deixar nenhum espaço para dúvidas”.

Lee Strobel - era um jornalista do Chicago Tribune, graduado na Universidade de Yale e ganhador de prêmios. Como um ateu, ele decidiu elaborar pelo peso da evidência um caso legal contra Jesus Cristo e provar que ele era uma fraude. Como Editor Jurídico da Tribuna, a especialidade de Strobel era a análise tribunalística. Para fazer o seu caso contra Cristo, Strobel interrogou várias autoridades Cristãs, especialistas reconhecidos em seus próprios campos de estudo (incluindo PhD em centros acadêmicos de prestígio, tais como Cambridge, Princeton e Brandeis). Ele realizou o exame sem nenhum preconceito religioso além de sua predisposição para o ateísmo. Surpreendentemente, depois de compilar e analisar criticamente as provas por si mesmo, Strobel se tornou um Cristão. Impressionado por suas descobertas, ele organizou a prova em um livro intitulado *Em Defesa de Cristo*, obra que ganhou o Prêmio *Gold Medallion Book* por excelência. Strobel pede uma coisa de cada leitor - permaneça imparcial em sua análise das provas. No final, julgue-as por si mesmo, atuando como o único jurado no caso de Cristo. Como o “único jurado”, sentei-me quietamente na minha cadeira. Como os jurados costumam fazer na sala do júri, eu pedi para voltar novamente a uma evidência provocante.

Perseguição Cristã. Aqui está um relato da perseguição Cristã primitiva assim como compilada a partir de várias fontes fora da Bíblia, a mais famosa das quais é a obra de John Fox, intitulada *O Livro dos Mártires*: Cerca de 34 DC, um ano depois da crucificação de Jesus, Estêvão foi expulso da cidade de Jerusalém e apedrejado até a morte. Cerca de 2.000 cristãos sofreram o martírio durante este tempo. Mais ou menos 10 anos depois, Tiago, filho de Zebedeu e irmão mais velho de João, foi morto quando Herodes Agripa chegou como governador da Judeia. Agripa detestava os judeus, e muitos discípulos da antiguidade foram martirizados sob o seu regime, inclusive Timão e Parmenas. Filipe, um discípulo de Betsaida, na Galileia, sofreu o martírio em Heliópolis, na Frígia, em mais ou menos 54 DC. Ele foi açoitado, lançado na prisão e depois crucificado. Cerca de seis anos depois, Mateus, o cobrador de impostos de Nazaré que escreveu um dos evangelhos, estava pregando na Etiópia quando sofreu o martírio pela espada. Tiago, irmão de Jesus, administrou a igreja primitiva em Jerusalém e foi o autor de um livro da Bíblia com o seu nome. Na idade de 94, ele foi espancado e apedrejado, até que finalmente teve seu cérebro esmagado com um porrete.

Matias foi o apóstolo que substituiu Judas Iscariotes. Ele foi apedrejado em Jerusalém e depois decapitado. André, irmão de Pedro, pregou o evangelho por toda a Ásia. Em sua chegada a Edessa, foi preso e crucificado em uma cruz, duas extremidades da qual foram fixadas transversalmente no chão (daí o termo “Cruz de Santo André”). Marcos se converteu ao Cristianismo por influência de Pedro, e depois transcreveu no seu Evangelho a narrativa de Pedro sobre Jesus. Marcos foi arrastado aos pedaços pelo povo de Alexandria, na frente de Serapis, seu ídolo pagão. Aparenta ser o caso que Pedro foi condenado à morte e crucificado em Roma. Jerônimo afirma que Pedro foi crucificado de cabeça para baixo, a seu pedido, porque ele disse que era indigno de ser crucificado da mesma maneira que o seu Senhor. Paulo sofreu a primeira perseguição sob Nero. A fé de Paulo era tão forte mesmo à face do martírio, que as autoridades o levaram a um lugar privado fora da cidade para executá-lo com a espada. Em cerca de 72 DC, Judas, o irmão de Tiago comumente conhecido como Tadeu, foi crucificado em Edessa. Bartolomeu pregou em vários países e traduziu o Evangelho de Mateus na Índia. Ele foi cruelmente espancado e crucificado pelos idólatras de lá. Tomé, chamado de Dídimo, pregou na Pérsia e na Índia. Ele foi morto por sacerdotes pagãos com uma lança que atravessou o seu corpo. Lucas foi o autor do Evangelho em seu nome. Ele viajou com Paulo através de diversos países e foi supostamente enforcado em uma oliveira pelos sacerdotes idólatras da Grécia. Barnabé, de Chipre, foi morto sem muitos fatos conhecidos em 73 DC. Simão, de sobrenome Zelote, pregou na África e na Grã-Bretanha, onde foi crucificado em cerca de 74 DC. João, o “discípulo amado”, era o irmão de Tiago. De Éfeso, ele foi levado à Roma, onde se afirma que ele foi jogado em um caldeirão fervente. Ele escapou por um milagre, sem ferimentos. Depois disso, Domiciano o exilou à ilha de Patmos, onde escreveu o livro do Apocalipse. Ele foi o único apóstolo que escapou de uma morte violenta. A perseguição aos Cristãos não retardou o crescimento da fé Cristã durante os primeiros séculos depois de Jesus. Mesmo com seus primeiros líderes sofrendo uma morte horrível, o Cristianismo floresceu durante o Império Romano. Como pode este registro histórico de martírio ser visto como qualquer outra coisa que não seja uma poderosa evidência para a verdade da fé Cristã - uma fé baseada em fatos históricos e depoimentos de testemunhas oculares?

O que faz da Bíblia um livro tão especial, diferentes de outros. Ela é o livro mais publicado, traduzido e lido em todo o mundo, nenhum livro chega perto do seu recorde. Foi o primeiro livro a ser impresso por Gutenberg na Alemanha. Hoje existem 2.565 idiomas que tem a Bíblia traduzida no todo ou em parte. Existe uma pesquisa feita pela Sociedade Bíblica afirmando que a partir de 1.816 até hoje calcula-se que mais de seis bilhões de exemplares da Bíblia já foram vendidos, note que essa contabilização não está incluindo as Bíblias que foram vendidas antes do século dezanove. O Instituto Wicleffe pretende traduzir a Bíblia em todos os idiomas do mundo até 2025.

George Bernard Shaw – Um ateu por convicção, afirmou que *“a Bíblia é o livro mais perigoso da história, mantenha-o trancado, longe de seus filhos e jogue a chave fora”*. Dependendo do ponto de vista, ela pode ser uma arma. Se for usado indevidamente você poder induzir pessoas e montar uma seita, ganhar muito dinheiro, persuadir grupo de pessoas ao suicídio etc. Toda sociedade ocidental está baseada na Bíblia. Se esse livro for mentiroso, você tem a obrigação de combatê-lo. Por outro lado, se ele for verdadeiro, você é um tolo se não segui-lo. Não dá para ficar neutro.

Um dos grandes questionamentos que se faz é se Deus existe por que Ele não fala direto comigo? Por que Ele tem que usar outras pessoas? Por que eu tenho que depender de um livro que foi inscrito há mais de dois mil anos e inscrito por outras pessoas? A resposta é simples, Deus respeita os padrões cognitivos da humanidade, ou seja, os modos de compreensão. O ser humano só se constitui como tal em seu meio social, onde o universo é Deus e nós. O nosso contato com a realidade é feito através de outras pessoas. Sozinho, é impossível conhecer a realidade e Deus sabendo que o ser humano funciona assim, Ele age assim. Carro que funciona a gasolina, para andar tem que ter gasolina, você não vai colocar nele água porque ele não vai funcionar. Desta forma, se o ser humano só conhece a realidade através de outro, então Deus revelou a sua verdade ao ser humano através de outro. Assim, a Bíblia é Deus falando com sotaque humano. Por que a Bíblia se destaca em relação a outros grandes livros da humanidade? Por que só a Bíblia fala de Deus e os outros não? Se a Bíblia fosse preparada literalmente para o sucesso de venda que tem seria normal, ao passo que outros livros para vender é necessário fazer um trabalho de marketing muito forte para atingir o objetivo desejado. Diante desse quadro, se a produção de livros fosse comparada a uma corrida de cavalo, a Bíblia seria o azarão. Assim quanto ao aspecto mercadológico podemos afirmar que:

- ✓ A Bíblia nasceu pronta para fracassar;
- ✓ A sua sobrevivência é espantosa;
- ✓ Tem outros livros com curiosidades interessantes, nenhum outro abarca tantos “contras” tantos “senões” ao mesmo tempo;
- ✓ Até os problemas levantados pelos críticos pesam contra esse livro;
- ✓ A Bíblia é inteiramente absoluta ou obsoleta;
- ✓ Salvo algumas exceções, a Bíblia possui linguagem literária pobre;
- ✓ Existem pequenas contradições;
- ✓ Frases politicamente incorretas “Tome tua cruz...”, “Arranca o teu olho” etc;
- ✓ Expressões obscuras “Deus se arrependeu”;
- ✓ Histórias bizarras (incesto, concubina, esquartejada, rei adúltero...);
- ✓ Autores muito diversificados;
- ✓ Nenhum editor ou reunião de pauta;
- ✓ Quanto maior o número de autores, mais complexa será a produção.

A Bíblia com todos esses problemas jamais faria sucesso. No entanto, ela se tornou um clássico, afinal de contas ela já vendeu mais de seis bilhões de exemplares. Mas, o que é um clássico:

“Uma peça literária que pelo senso comum é reconhecido como possuindo um status superior na história da literatura. Seu autor também deve possuir semelhante status”.

- ✓ Um clássico tem apelo estético;
- ✓ Uma mensagem significativa;
- ✓ Deve ser escrito com elegância, até mesmo quando descreve uma violência;
- ✓ Perpassa ao tempo;
- ✓ Tem de chamar a atenção dos intelectuais antes de chamar a atenção do povo;
- ✓ Tem de ter uma história ou enredo cativante;

Um livro clássico é sofisticado, existem detalhes que só ele possui, pertence à classe elitizada, jamais é do povão. Logo abaixo do clássico vem o Bestseller que é um livro que vende mais. Para se publicar um livro é feita uma avaliação do autor levando-se em consideração:

- ✓ Potencial para vender muito ou pouco;
- ✓ Tamanho da sua família e da empresa onde trabalha;
- ✓ Cidade onde mora;
- ✓ Convívio social;
- ✓ Escolaridade;

Na Bíblia existem autores que provavelmente eram analfabetos, presidiários, boiadeiro, adúltero, corruptos, assassino. Olhando, grosso modo, a Bíblia fere todos os princípios da norma culta da literatura clássica e de um bestseller. Então se ela infringe todas as normas de um clássico e de um bestseller, como ela vendeu mais de seis milhões de exemplares? Por que não caiu no esquecimento? Alguém pode dizer que foi a igreja que manipulou a cabeça das pessoas. Essa afirmativa não é verdadeira porque o Mao Tsé-Tung obrigou que todos os chineses comprassem o Livro Vermelho, e sua venda não chegou a seiscentos milhões de exemplares.

Nenhum livro foi tão perseguido quando a Bíblia:

“Em 303 D.C Diocleciano decretou que cada cópia da Bíblia cristã fosse queimada. Presume-se que centenas, senão milhares de cópias tenham se perdido. Por pouco não teríamos o Novo Testamento. Muitos cristãos também foram mortos.”

“Em 1199 o Papa Inocêncio III proibiu a tradução da Bíblia para a língua vernacular (o francês) e decretou que seria um perigo se a Bíblia fosse lida pelas pessoas simples do povão. Quem fosse apanhado lendo ou ensinando a Bíblia na França seria morto. Várias Bíblias foram queimadas a mando da igreja”.

“Depois da morte de Inocêncio III o sínodo de Toulouse redigiu um 14º cânon contra os Cátaros (e por tabela Albigenses e Valdenses), proibindo que membros leigos possuíssem o velho e o Novo testamento”.

“10.000 Bíblias foram queimadas em 08 de agosto de 1713, de uma só vez por ordem do rei Ferdinando II da Espanha”.

“O Papa Clemente II condenou a leitura da Bíblia e o Papa Gregório considerou as Sociedades Bíblicas um crime contra Deus e a igreja”.

Apesar de todos os defeitos literários que a Bíblia apresenta sua comprovação documental é completamente superior a qualquer outro livro desde a sua existência:

- ✓ Guerras Gaulesas de Júlio Cesar existem 10 cópias;
- ✓ Platão foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. A sua famosa obra República de Platão só existem 07 cópias;
- ✓ Tucídides foi um historiador da Grécia Antiga História da Guerra do Peloponeso existem 08 cópias;
- ✓ Sophocles foi um dramaturgo grego, um dos mais importantes escritores de tragédia ao lado de Ésquilo e Eurípedes, dentre aqueles cujo trabalho sobreviveu. Suas peças retratam personagens nobres e da realeza existem 100 cópias;
- ✓ Eurípedes foi um poeta trágico grego, do século V a.C., o mais jovem dos três grandes expoentes da tragédia grega clássica, que ressaltou em suas obras as agitações da alma humana e em especial a feminina, de toda a sua obra só existem 09 cópias.
- ✓ Catullus, Caio Valério Catulo foi um sofisticado e controverso poeta romano durante o final do período republicano, de toda a sua obra só existem 03 cópias
- ✓ Aristóteles foi um filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande. Seus escritos abrangem diversos assuntos, como a física, a metafísica, as leis da poesia e do drama, a música. De toda a sua obra existem apenas 05 cópias;
- ✓ Homero, foi um poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos Ilíada e Odisseia de toda a sua obra existem 643 cópias;
- ✓ A Bíblia apesar de toda perseguição que sofreu ao longo de sua história, existem em todas as versões mais de 24.000 copias.

Nenhum livro foi perseguido ou queimado em praça pública, mas a Bíblia de uma forma miraculosa sobreviveu todas as adversidades que passou e como se não bastasse, foi proibida em países comunistas, muçulmanos, foi alvo acirrado do Racionalismo (teoria filosófica que dá a prioridade à razão, como faculdade de conhecimento relativamente aos sentidos), é motivo de deboche de muitos ateus até hoje. Mas, apenas a Bíblia tem profecias cumpridas na sua essência, apresentando comprovação arqueológica, científica, histórica e geográfica. Nenhum outro livro apresenta tantos mártires, muitos morreram defendendo a interpretação das Escrituras Sagradas. Existe algum intelectual da literatura brasileira em sã consciência que daria sua vida por uma obra de Machado de Assis, de Carlos Drummond de Andrade, ou a nível mundial, por obras de Shakespeare ou pelas obras de Sigmund Freud. Não conheço. D. James Kennedy, escreveu o livro intitulado: *“Se a Bíblia não tivesse sido Escrita”*. Com esse título alguém pode dizer que não teríamos a Idade Média, a Inquisição, a escravidão de muitos seres humanos. Quem pensa assim está completamente equivocado porque todos esses acontecimentos sociais não foram baseados na Bíblia. Muito pelo contrário na Idade Média, repito, a Bíblia foi perseguida e queimada. Se quiserem culpar os dogmas da igreja por esses acontecimentos tudo bem, mas a Bíblia não tem parte alguma nisso.

- ✓ Se não existisse a Bíblia a ciência tomaria outro rumo, digo isto porque os pais da ciência moderna como Leonard da Vinci, Isaque Newton, Galileu, Johannes Kepler e Louis Pasteur e graças à leitura da Bíblia, esses homens perceberam que havia um modo diferente de interpretar o conteúdo bíblico dos dogmas da igreja, eles perceberam que existia outra realidade.
- ✓ Se a Bíblia não existisse Abraham Lincoln não teria dito que: “sem a Bíblia eu jamais poderia saber o que realmente é o certo e o errado”. Não libertaria os negros americanos da escravidão.
- ✓ Se a Bíblia não existisse, não teríamos a Reforma Protestante, não teríamos os heróis da fé.

Reconhecer que existe subjetividade em falar “*o que seria se não fosse*” é muito especulativo. No entanto temos que reconhecer a realidade de que a leitura deste livro, a Bíblia, causa verdadeira transformação de vidas. Pondo a prova:

- ✓ Lew Wallace em sua pesquisa incessante das paginas da Bíblia para escrever um romance desmentindo o Cristianismo, se converteu e escreveu o livro “Bem Hur”.
- ✓ George Lyttelton – Leu a Bíblia com o intuito de que a mesma não passava de um romance, acabou se convertendo e escreveu o livro “Conversão de São Paulo”.
- ✓ William Ramsay foi investigar a história de Paulo terminou se convertendo.
- ✓ Antony flew grande pensador da filosofia moderna. Ateu por convicção. Na sua velhice estudou a Bíblia e se converteu. Em uma de suas entrevistas ele disse: “*A Bíblia é um eminente livro que merece ser lido... a ressurreição de Jesus tem muito mais evidências que qualquer outro milagre mencionado na história*”. Ele escreveu o livro “*Deus existe, um ateu garante*”. A perda desse homem para o grupo ateuista foi tão dolorosa que Richard Dawkins (autor do livro “Deus, um delírio”) reconheceu.

Além dessas pessoas existem muitos outros que foram investigar para combater a Bíblia e acabaram se convertendo. Aqui eu termino dizendo: peguem todos os postulados das maiores mentes da literatura humana e leve-os para as cadeias. Pregue José Saramago, Sigmund Freud, Richard Dawkins, Shakespeare e depois observe quantas pessoas vão ter a sua vida transformada com a leitura dos livros desses autores. Pode até ser que haja algum caso, mais eu desafio que haja milhares de casos como ocorre com a leitura da Bíblia, onde muitas vidas são transformadas pelo poder da palavra de Deus. Eu pergunto qual o segredo desse livro? Um livro completamente fora dos padrões do ponto de vista literária. Um livro que miraculosamente sobreviveu até hoje, apesar das perseguições. Um livro que tem seis bilhões de exemplares vendidos. Se a Bíblia fosse um livro que se encaixasse dentro de todas as normais cultas da literatura, haveria uma explicação racional para o seu sucesso. Pelo contrario, só podemos dizer que ela tem alguma coisa de especial. Apesar de ser um livro escrito por mãos humanas, a sua origem é divina. E Deus de propósito a fez assim para que os críticos literários não encontre uma razão para o seu sucesso. A Bíblia é a verdade que liberta.

A mensagem bíblica é uma mensagem de esperança, uma mensagem de salvação e uma mensagem para a humanidade reencontrar-se com DEUS que criou todo o universo. Afirma que podemos ter um relacionamento com Ele que irá durar eternamente. A essa altura você pode está pensando – E esse cenário que se desenrola diante de nós? E a destruição que irá acontecer? Como é que eu posso escapar dela? Bem, Jesus Cristo

prometeu que irá nos tirar daqui, mas eu não quero tentar convencê-lo a buscar Jesus Cristo como uma saída de emergência do julgamento desse mundo. É preciso que você tenha motivos melhores do que esse. Você deveria buscá-lo enquanto pode porque é culpado e quer voltar a ter um relacionamento com Ele, agindo de acordo com a vontade de Deus. Você sabia que Deus tem grandes planos pra esse universo? E você quer fazer parte disso? Então aceite o perdão que Ele oferece por seus pecados. Abra seu coração para Jesus Cristo e você estará no caminho certo. Jesus disse que se ele não abreviasse a sua volta o homem aniquilaria a si mesmo, destruindo tudo, mas a nossa grande esperança é a volta do próprio Jesus Cristo. Ele está voltando, Ele vai estabelecer um novo reino nesta terra, onde haverá justiça, paz, alegria e amor na humanidade. Você pode dizer: Como é que vamos ter certeza de que Jesus Cristo voltará e irá me levar com Ele? Como posso saber se Ele me ama? A Bíblia declara que Deus não deseja que ninguém venha perecer, mas que todos tenham o conhecimento da salvação em seu filho Jesus Cristo. E todo aquele que nele crer não perecerá, mais terá a vida eterna. Há toda uma nova e maravilhosa Era chegando e Jesus Cristo é quem irá implantá-la e não o homem, você poderá fazer parte dela se colocar sua confiança, sua fé e sua esperança no Filho de Deus o Salvador do mundo, Jesus Cristo.

Você decide. Desta forma venha como você está, escute o chamar do Espírito, venha saboreie da Água Viva e você nunca mais terá cede e viverá para sempre.

Autor: Gilsonberto Cordeiro de Lucena